

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

**AS MULHERES NO SLAM
POESIA, FEMINISMOS E INSURGÊNCIA**

CAROLINA VIDAL FERREIRA

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

SÃO PAULO

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

AS MULHERES NO SLAM
POESIA, FEMINISMOS E INSURGÊNCIA

CAROLINA VIDAL FERREIRA

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica, sob a orientação do Prof. Dr. José Amálio Pinheiro.

SÃO PAULO

2021

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação de mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: 

data: 27 de outubro de 2021

email: carolvidal08@gmail.com

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

F383 Ferreira, Carolina Vidal
As Mulheres no slam: poesia, feminismos e
insurgência. / Carolina Vidal Ferreira. -- São
Paulo: [s.n.], 2021.
103p. il. ; 21 cm.

Orientador: José Amálio de Branco Pinheiro.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Comunicação e Semiótica.

1. Slam. 2. Poesia. 3. Feminismo. I. Pinheiro,
José Amálio de Branco. II. Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Comunicação e Semiótica. III. Título.

CDD

Carolina Vidal Ferreira

As Mulheres no slam: poesia, feminismos e insurgência

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica, sob a orientação do Prof. Dr. José Amálio Pinheiro.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Amálio de Branco Pinheiro (Orientador) - PUC-SP

Prof^a Dra. Carla Cristina Garcia - PUC-SP

Prof^a Dra. Rosana de Lima Soares - USP

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que colaboraram com minha imersão no multiverso poético do slam, principalmente à minha companheira Lika Rosa. A todas as conversas, produções e reflexões com Mariana Felix, Cláudio Del Puente e André Ascarelli. Agradeço às entrevistadas e entrevistados para a dissertação, filme Minas no Slam e Slam Interuni: Cristina Assunção, Patrícia Meira, Tatiana Nascimento, Midria, Livia Almendary, Thiago Venanzoni, Fabiano Roxo, Richard Pereira e Charles Monteiro. Agradeço à equipe do Slam Resistência e ao Slam da Guilhermina.

Agradeço aos poetas que me acompanham desde a criação do Slam Interuni: Poeta Rebelião, Igor Braz, GPS Veras, Poeta de Papel, Nicole Amaral, Luiza Lustosa, Jazz, Dubang, Bicha Poeta, Ozazuma, Aline Maciel, Maria Fernanda de Mello Lopes, Mara Lafourcade Rayel, Chris Oliveira e Fissura (Ian Herman e Sabrina Homrich).

Agradeço ao Sesc SP pelo apoio financeiro, incentivo, inspiração e por me proporcionar tantos momentos de crescimento profissional e pessoal na minha vida, incluindo meu primeiro encontro com o slam e com a prof^a Carla Cristina Garcia. Agradeço especialmente às companheiras e companheiros de equipe no Sesc Avenida Paulista: Roberta Della Noce, Felipe Mancebo, Angélica Cristine de Paula, Julia Parpulov, Alisson Sbrana, Luiz Felipe Santiago e Marina Magalhães.

Agradeço a todos os professores que tive o prazer de conviver na PUC-SP, José Amálio Pinheiro, Carla Cristina Garcia, Cecília Salles, Christine Greiner, Silvia Borelli. Aos colegas dos núcleos de pesquisa: Barroco e mestiçagem, Núcleo Inanna de Estudos de Gêneros, Sexualidades e Diferenças e Jovens Urbanos. Gratidão pela troca e aprendizagem.

Agradeço às/aos poetas que citei neste trabalho Tawane Theodoro, Jéssica Campos, Kika Sena, Carú de Paula, Haux Del Chaves, Mel Duarte e todos que pegam em uma caneta para fazer poesia acreditando na transformação pela arte, pelo afeto e pela educação.

Agradeço a minha família dessa e de outras vidas no terreiro dos poetas. Saravá!

RESUMO

A dissertação **As Mulheres no slam: poesia, feminismos e insurgência** busca refletir sobre as hipóteses de um efeito libertador e multiplicador da poesia produzida por mulheres nos slams. A pesquisa se concentra nos slams localizados na cidade de São Paulo, a partir de 2015. Os eventos que passaram dos bares para as ruas, e que, devido ao período pandêmico, desde março de 2020, tornaram-se online. Esses campeonatos de poesia têm como protagonistas jovens de origem periférica. O objetivo do trabalho é investigar essas hipóteses e como interagem os elementos do arquipélago relacional do slam. O slam, como uma rede de coletivos artísticos, vem ganhando visibilidade e tem contribuído para a criação de possibilidades para pessoas sobreviverem de sua arte, com publicações independentes, apresentações, participação em debates e oficinas. Esta dissertação é estruturada a partir de um olhar sobre a complexidade das séries culturais, mestiçagem e América Latina, com seus aspectos insurgentes: alegria crítica, rítmica, lúdica e erótica (PINHEIRO, 2013). Investigamos as linguagens construídas por posturas femininas, alegres, lutadoras e insurgentes como respostas à lógica binária da sociedade. Também são abordados conceitos como *aqueerlomamiento* e multidão *queer* a partir de textos de Tatiana Nascimento (2020), fundadora do primeiro Slam das Minas e Paul Preciado (2011), além das visões de Audre Lorde (2019) e Gloria Anzaldúa (2004). Apontando relações com algumas pensadoras, como a filósofa italiana Luisa Muraro (1992) e a historiadora brasileira Maria Odila Leite da Silva Dias (2019), e o chileno Humberto Maturana (2004) e a pesquisadora e artista Roberta Estrela D'Alva (2019), a pesquisa preza por uma epistemologia crítica da história, com foco na experiência vivida pelas mulheres e na forma como se relacionam. O corpus é construído a partir de entrevistas com poetas e organizadoras envolvidas na cena e imagens de arquivo. Leva-se em conta o cenário histórico, político e social, além da reflexão sobre a própria experiência durante o percurso da pesquisa. Juntamente com a dissertação de mestrado, está sendo produzido um documentário curta metragem com imagens de arquivo e entrevistas intitulado **Minas no Slam**.

Palavras-chave: *comunicação popular, slam poetry, feminismos, cultura periférica, poesia urbana.*

ABSTRACT

The dissertation *Women in Slam: Poetry, Feminisms and Insurgency* aims to reflect on the hypotheses of a liberating and multiplying effect of the poetry produced by women in slams. The research focuses on slams located in the city of São Paulo, since 2015. These events were organized open air on the streets and, since March 2020, only online. The championships have young people peripheral origins as protagonists. The objective of the work is to investigate these hypotheses and how the elements of the relational archipelago of slam interact. Slam, as a network organized in the form of championships, has been gaining visibility, which has resulted in a real possibility for people to survive from their art, by producing independent publications, presentations, participation in debates and workshops. The work is structured from a complex approach at cultural series, miscegenation and Latin America, with its insurgent aspects: critical, rhythmic, playful and erotic joy (PINHEIRO, 2013). We investigated the languages constructed by feminine, cheerful, activist and insurgent attitudes as responses to the binary logic of society. Concepts such as *aquerlomamiento* and *queer* multitude are also discussed based on texts by Tatiana Nascimento (2020), founder of the first Minas Slam and professor at UNB, and Paul Preciado (2011), in addition to the visions of Audre Lorde (2019) and Gloria Anzaldúa (2004). Pointing out relations with some thinkers, such as the Italian philosopher Luisa Muraro (1992) and the Brazilian historian Maria Odila Leite da Silva Dias (2019), the Chilean Humberto Maturana (2004) and researcher and artist Roberta Estrela D'Alva (2019), the research values a critical epistemology of history, focusing on the experience lived by women and the way they relate to each other. The corpus is built from interviews with poets and organizers involved in the slam scene and archival images. The historical, political and social scenario is taken into account, in addition to reflecting on the experience paths themselves during the course of the research. Along with the master's thesis, a short documentary with archival images and interviews is being produced entitled **Minas no Slam** (*Women in Slam*).

Keywords: *popular communication, slam poetry, feminisms, peripheral culture, urban poetry.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Por que as mulheres no slam?	10
1.2 Como conheci o slam?	11
1.3 O que é o Slam?	13
1.4 Linha do tempo - marcos na história do slam	16
1.5 A pesquisa na linha do tempo	22
1.6 Mapa dos slams	24
1.7 Slams em 2021	36
2. OBJETIVOS	37
3. PROBLEMA DE PESQUISA E HIPÓTESES	38
3.1 Como se observa o efeito libertador da poesia?	38
3.2 Como se dá o efeito multiplicador da poesia?	38
4. JUSTIFICATIVA	39
4.1 A missão do slam: transformação	39
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	41
5.1 A poesia na encruzilhada da liberdade	41
6. METODOLOGIA	44
7. CRONOGRAMA	45
8. O SLAM BRASILEIRO	47
8.1 Diacronia: a tradução brasileira do slam	47
8.2 Mensageiros: o povo da rua	48
8.3 A experiência vivida e o desabafo	50
8.4 Sincronia: o slam na rua, a rede de afetos	52
8.5 Memória - oralidade e os vínculos com o Gélédé	53
8.6 Ambiente cultural - mulheres construindo história	55
8.7 Slam em três versões	55
8.8 Escuta - espaço de abertura de incorporação do outro	59
8.9 Camadas telúricas: voz, corpo, natureza	59
9. A INSURGÊNCIA NO SLAM	60
9.1 A competição	60

9.2 Poeta e plateia	61
9.3 Notas, jurados e juradas!	62
9.4 Poético-política	63
9.5 Se querem nos privar, ocuparemos espaços	64
9.6 Alegria crítica: rítmica, lúdica e erótica	65
10. LA BESTIA DE LA SOMBRA: A POTÊNCIA DA MULTIDÃO QUEER NA POESIA DO SLAM	69
10.1 I made the choice to be queer	69
11. O DOCUMENTÁRIO MINAS NO SLAM	74
11.1 Estrutura do documentário	75
12. COPA DAS FAVELAS - SLAM	82
12.1 A pandemia e o slam online	82
12.2 Slam do Real - participação como poeta	83
12.3 A Poesia nos Une! Slam Interuni	84
13. TRAVESSIA ENTRE SABERES	87
13.1 A parceria com o grupo Jovens Urbanos	87
13.2 O diálogo teórico/prático com o grupo de pesquisa	89
14. CONCLUSÕES	90
14.2 Como poeta/slammer	90
14.4 Como atuante política	91
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	98

1. INTRODUÇÃO

1.1 Por que as mulheres no slam?

Esta pesquisa de mestrado possui enfoque na presença das mulheres na cena poética do slam e suas relações com as lutas periféricas no Brasil, que utilizam a arte como principal meio de expressão.

O trabalho busca utilizar teorias e métodos que estejam em consonância com as atuais questões feministas, levando em conta a representatividade das mulheres teóricas. Durante o primeiro semestre de 2019, participei da disciplina “Outras formas de (re)conhecer. Metodologias de pesquisa em estudos de gêneros”, ministrada pela Prof^a Dr^a Carla Cristina Garcia¹, no curso de graduação em Ciências Sociais da PUC-SP.

Conheci a professora Carla Cristina Garcia em uma entrevista em vídeo² que fiz com ela a respeito dos mitos e preconceitos sobre o feminismo que ainda pairam sobre a sociedade. A entrevista tinha como objetivo a divulgação do Encontro Internacional Nós Tantas Outras, que ocorreu em 2018, em cinco unidades do Sesc SP: Avenida Paulista, Pompeia, Itaquera, Santana e Campo Limpo.

Durante minha trajetória profissional e acadêmica³ sempre me aproximei do feminismo e dos estudos de gênero. Na graduação em Letras Inglês na Universidade Federal de Santa Catarina, meu trabalho de conclusão de curso foi sobre a representação feminina no Cinema Noir⁴. Em minha atuação profissional, junto ao Sesc (Serviço Social do Comércio),

¹ Carla Cristina Garcia é doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP (2000) e fez pós-doutorado junto ao Instituto Jose Maria Mora - Mexico-DF (2004). Atualmente, é professora assistente da PUC-SP e titular da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Tem experiência na área de Sociologia de Gênero, Estudos Feministas e Lazer Urbano, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, mulheres, condição social, relações sociais e políticas sociais. Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5946645251123030>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2021.

² O vídeo tinha como objetivo divulgar o Encontro Internacional Nós Tantas Outras, que ocorreu de 28/11 - 02/12/2018. O encontro trouxe dez mesas de discussão com pesquisadoras, estudiosas e ativistas do Afeganistão, Argentina, Brasil, China, Equador, Estados Unidos, Guiné-Bissau, Moçambique, Suíça, Uruguai e Venezuela. Teóricas como Patricia Hill Collins, Amelinha Teles e Marisa Fernandes discutiram temas acerca da genealogia dos movimentos de mulheres; as concepções e práticas feministas na América Latina e em outros contextos globais; as interseções com outros marcadores sociais, como sexualidade, raça e classe; as questões vinculadas à saúde reprodutiva e sexual; a representatividade política; as reações e ameaças aos movimentos feministas no mundo e aos direitos adquiridos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=1158983700944101>>. Acesso em: 25 de março de 2019.

³ Minha formação acadêmica começa na Graduação em Letras Inglês (UFSC), tendo cursado disciplinas de Cinema e História da Arte (em intercâmbio na Wayne State University, Detroit, MI, EUA), MBA em Marketing (FGV) e Pós-Graduação em Design Gráfico (SENAC-SP).

⁴ O título do trabalho é **Female Sensuality in Film Noir: Narrative and visual style in the ambivalent representation of the femme fatale in Double Indemnity and The Postman Always Rings Twice**. A pesquisa se desdobrou em um pôster apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 - gênero e preconceitos, 2006. Florianópolis, SC.

que iniciou em janeiro de 2015⁵, sempre direcionei em minhas produções (audiovisuais, artigos, posts, etc.) dar ênfase e representatividade à diversidade de gênero, como nas entrevistas que fiz com Linn da Quebrada, Ariel Nobre, Neon Cunha, Laerte Coutinho, Liniker⁶. Também tive oportunidade de adentrar no universo da *spoken word*, poesia falada performática⁷, e da cultura afro-americana e afro-brasileira entrevistando nomes como: Brian Jackson⁸, Saul Williams⁹ e Eugênio Lima¹⁰.

1.2 Como conheci o slam?

Meu primeiro contato com o slam se deu no Sesc Itaquera, em fevereiro de 2015, quando fotografei um evento do Slam da Guilhermina - um dos coletivos de slam pioneiros em São Paulo, organizado por Cristina Assumpção e Emerson Alcalde --, envolvendo o público do parque aquático. A potência política e artística de ambos, poetas e Sesc, me deixou fascinada e interessada em saber mais sobre essa manifestação artística democrática, acessível e direta.

⁵ Exerço a função de Editora Web no setor de Comunicação há mais de quatro anos, tendo trabalhado por 2 anos no Sesc Itaquera, 1 e 4 meses no Sesc Pompeia e 10 meses no Sesc Avenida Paulista. Minhas tarefas diárias consistem na criação, edição e adaptação de conteúdos para diversas linguagens: texto, fotografia, vídeo e as especificidades de cada rede social trabalhada pelo Sesc.

⁶ Entrevistas disponíveis em: <<https://www.behance.net/gallery/77702263/Sesc-Pompeia>>. Acesso em: 01 de abril de 2019.

⁷ O termo *spoken word* refere-se a uma arte performática poética oral que se baseia principalmente nas qualidades poéticas e estéticas da pessoa que interpreta. É a continuação denominada como movimento no final do século 20 de uma antiga tradição artística oral que se concentra na estética da recitação e do jogo de palavras, como a entonação ao vivo do artista e a inflexão da voz. Spoken word é um termo "genérico" que inclui qualquer tipo de poesia recitada em voz alta, incluindo leituras de poesia, slams de poesia, *jazz poetry* e hip hop, e pode incluir *stand up comedy* e monólogos em prosa. Ao contrário da poesia escrita, o texto poético tira sua qualidade menos da estética visual de uma página, e mais da fonestética, ou da estética do som. Fonte Wikipedia: Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Spoken_word>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.

⁸ Brian Jackson (nascido em 11 de outubro de 1952) é tecladista, flautista, cantor, compositor e produtor norte-americano. Conhecido por suas colaborações com Gil Scott-Heron (autor da canção **The Revolution Will Not Be Televised**, considerada um dos marcos iniciais do estilo *spoken word* nos anos 1970). Entrevista disponível em: <<https://www.facebook.com/sescpompeia/videos/1743127395731677>>. Acesso em: 01 de abril de 2019.

⁹ Saul Stacey Williams (nascido em 29 de fevereiro de 1974) é um escritor, ator e músico norte-americano cujo trabalho mistura poesia e hip-hop. Conhecido pelo seu papel principal no filme independente *Slam* e também pela participação no filme *Slam Nation*. Entrevista disponível em: <<https://www.facebook.com/sescpompeia/videos/1496908360353583>>. Acesso em: 01 de abril de 2019.

¹⁰ Eugênio Lima é ator, diretor de teatro, coreógrafo, DJ e pesquisador. É membro fundador do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos (junto com Roberta Estrela D'Alva), da Frente 3 de Fevereiro e diretor do Coletivo Legítima Defesa.



Fonte: Registro da autora. **A primeira vez que vi um slam.** Slam da Guilhermina no Sesc Itaquera em 2015: Haux Del Chaves, Cristina Assumpção, Emerson Alcalde, Rodrigo Mota, Mariana Felix, Legant. Abaixados: Uilian Chapéu, MC Cérebro e B.Boy Banks.

No segundo semestre de 2019, ingressei no Mestrado em Comunicação e Semiótica e cursei as disciplinas “Seminário de Pesquisa II”, com a Prof^ª Dra. Cecília Salles, e “Teorias Culturalistas da Comunicação: mídia e política dos signos: o macro, o micro e a paisagem cultural”, com o meu orientador de mestrado, o prof. Dr. Amálio Pinheiro.

1.3 O que é o Slam?

*Se querem nos privar, / Ocuparemos espaços!
Se querem nos apagar, / Escreveremos livros!
Se querem nos calar, / Vamos falar mais alto!*
Mel Duarte

A partir de 2012, jovens de diversas regiões do Brasil têm escrito e declamado nas ruas, em lives, em livros e em vídeos na internet poemas críticos e diretos que utilizam como temas a diferença de classes, o racismo e a misoginia. Essa intensa produção poética se faz presente em uma manifestação artística coletiva chamada Slam, ou batalha de poesias. "Além de alimentar uma atmosfera contracultural e de disseminar a poesia em lugares não-convencionais, o slam se desenvolveu através do exercício de certos ideais democráticos em contraste a convenções acadêmicas exclusivistas" (SOMERS-WILLET, 2009, p. 5-6, apud FREITAS, 2019 p. 95).

O primeiro evento de slam que se tem registro data de 1986, em Chicago, Estados Unidos, onde o poeta e operário da construção civil Marc Kelly Smith fez um show chamado *Uptown Poetry Slam*. Marc criou um conjunto simples de regras que valem até hoje: 1) não usar figurinos, acessórios, cenário ou acompanhamento musical; 2) a poesia deve ser autoral e ser recitada em até três minutos. Os coletivos de slam existem em mais de 500 comunidades do mundo¹¹.

Poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente, *slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo, mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo. (D'ALVA, 2014, p. 97)

Roberta Estrela D'Alva é fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e, em 2008, criou o ZAP! (Zona Autônoma da Palavra), o primeiro slam do Brasil. No Brasil, além de existirem diversos coletivos de slam, que organizam eventos praticamente todo o mês, acontece também o SLAM SP e o SLAM BR - Campeonato Brasileiro de Poesia Falada, organizado pelo slam ZAP!, em que, desde 2008, a pessoa vencedora representa o país na Copa do Mundo de Poesia: o *Grand Poetry Slam*, que acontece em Paris, na França, sendo que em 2020 a edição foi apenas virtual.

¹¹ "Slam BR – Campeonato Brasileiro de Poesia Falada" Site do Itaú Cultural. 2016. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/slam-br-campeonato-brasileiro-de-poesia-falada>. Acesso em: 23 de mar. 2019.

Ano	Poeta	Slam representado
2011	Fabio Boca	ZAP! (SP)
2012	Lews Barbosa	Slam do Grito (SP)
2013	Emerson Alcalde	Slam da Guilhermina (SP)
2014	João Paiva	Clube da Luta (MG)
2015	Lucas Afonso	Slam da Ponta (SP)
2016	Luz Ribeiro	Slam das Minas (SP)
2017	Bell Puã	Slam das Minas (PE)
2018	Pieta Poeta - Piê	Coletiva Manas (MG)
2019	Kimani	Slam Capão (SP)
2020	Jéssica Campos	Slam Capão (SP)
2021	Joyce Zau	Slam da Guilhermina (SP)

Fonte: Elaborado pela autora. Quadro 1: **Vencedores do campeonato nacional de poesia falada Slam BR.**

Como é possível notar, a partir de 2016, as poetisas vencedoras do SLAM BR são mulheres, isso reflete o destaque que elas têm tido na cena nos últimos anos. Essas jovens poetisas encontraram no slam, com seu caráter inclusivo e diverso, um solo fértil e potente para se expressarem. Entretanto, assim como o cenário do hip-hop, até 2015, os slams que haviam eram gênero-mistos e dominados por não-mulheres. Foi então que a poeta Tatiana Nascimento¹² teve a ideia de criar o primeiro slam de mulheres, o Slam das Minas:

Em 2015, quando pensei na ideia que ia virar a pergunta-convite meio gritada no meio à barulhada de vozes que não eram nossas, declamando poemas muitas vezes sobre nós (“vamo fazer um slam só pra minas!”), jogada no meio do subsolo do bar raízes, na asa norte, onde rolava uma batalha do primeiro slam do DF, que era gênero-misto mas dominado por não-mulheres, y quando o convite-pergunta foi pousar no ouvido duma outra ativista lésbica negra do DF, que topou a parada, eu nem pensei em imaginar que slam das minas ia virar uma batalha nacional acontecendo em vários estados. Além de Brasília: o segundo em SP, então em goiânia, no RJ, porto alegre, pernambuco, salvador, minas, belém, alagoas, mato grosso ensaiando... (NASCIMENTO, T. apud VÁRIAS, 2018, p. 2)

Mel Duarte, poeta fundadora do Slam das Minas SP, em sua antologia de poemas feitos por mulheres slammers, "Querem nos Calar", define o slam como "um espaço poético-

¹² Tatiana Nascimento é brasileira, 37 anos, idealizadora e co-fundadora do Slam das Minas DF; produz a Mostra Palavrareta - mostra nacional de negras autoras; produtora cultural; e também compõe a Padê editorial. Cria e vende livros feitos artesanalmente por mulheres negras e LGBTQIA+ e possui um livro publicado, "Lundu" (Padê, 2016).

político, democrático, que tem como principal conceito a liberdade de expressão, fazendo do livre diálogo uma ferramenta para a construção de novos horizontes. E, para além de um espaço de fala, é também um convite à escuta" (DUARTE, 2019, p. 11).

No capítulo 3 do livro "Teatro Hip-hop: a performance poética do ator-MC" Roberta Estrela D'Alva investiga o Ator-MC, o universo do Poetry Slam e do Spoken Word:

Como todas as formas artísticas (e esportivas!), o poetry slam também é passível de críticas e discordâncias em vários de seus aspectos, mas, diante da integridade e paixão com que esses poetas escancaram seus egos, suas personalidades, suas opiniões, suas crenças e suas vidas, não se pode ignorar a realidade de um poderoso momento de comunicação poética que acontece no momento de suas performances. (D'ALVA, 2014, p. 118)

A seguir, apresento uma síntese de acontecimentos significativos para a história do slam e um mapeamento geral dos slams no Brasil, no Estado de São Paulo e na Capital, separados por regiões.

1.4 Linha do tempo - marcos na história do slam

LINHA DO TEMPO LITERATURA MARGINAL, SARAU E SLAMS



O Movimento popular de arte (MPA) surge no bairro de São Miguel Paulista.



Luiza Erundina (PT), é eleita a primeira prefeita mulher de São Paulo e tem Paulo Freire como secretário da Educação.



A Cia Estável ocupa o Teatro Flavio Império em Cangaíba, Zona Leste com espetáculos e cursos de formação. Em 2005, a Associação Amigos da Multidão começa a realizar o sarau Universo Diverso.

1960



Carolina Maria de Jesus escreve Quarto de Despejo, sucesso de vendas e de crítica e traduzido para mais de treze línguas.

1978

1985

José Sarney toma posse como primeiro presidente do Brasil após o período de ditadura militar.

1986



Criação do Slam por Marc Kelly Smith em Chicago, EUA.

1989

1997



Racionais MC's lançam o álbum Sobrevivendo no Inferno. Obra criada na Zona Sul de SP que ficou conhecida mundialmente.

2000



Ferréz publica *Capão Pecado*, lançado pela editora Labortexto, romance baseado nas suas experiências sociais como morador do Capão Redondo.

2001



É lançada a primeira das edições especiais de literatura marginal da revista *Caros Amigos*. Nos anos de 2002 e 2004 foram editados outros dois atos com a organização de Ferréz.



O CEU Jambelero em Guainazes é o primeiro a ser inaugurado na gestão Marta Suplicy (prefeitura) e Lula (presidência).

2001



Sergio Vaz cria a Cooperifa na região do Taboão da Serra que recebia cerca de 200 pessoas no bar do Zé Batidão (Jardim Guarujá). O objetivo é dessacralizar a literatura.

Criação do VAI 1 e o VAI 2 (Programa de Valorização de Iniciativas Culturais), voltados para apoiar projetos culturais de jovens na periferia da cidade, projeto do vereador Nabil Bonduki

2003



Criação do Sarau do Binho, referência de expressão cultural e conscientização política na região do Campo Limpo, Zona Sul.



Roberta Estrela D'Alva e o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos fundam o ZAPI Slam, o primeiro do Brasil.

2004



Festival do Livro e da Literatura de São Miguel que acontece em mais de 30 locais espalhados pela região de São Miguel Paulista. Realizado pela Fundação Tide Setúbal e Sesc. Praças e pontos de leitura se transformam em espaços literários em três dias de cultura e literatura.

2008



2010



Dilma Rousseff é a primeira mulher a ser eleita presidente do Brasil após 8 anos de governo Lula. Seu mandato é interrompido por um golpe em 2016 em que o vice Michel Temer assume.

2011



O Slam da Guilhermina, o primeiro slam de rua do Brasil é idealizado por Emerson Alcade junto com Vander Che e depois completado com Rodrigo Motta, Uilian Chapéu e Cristina Assunção.

2012



MAP - Movimento Aliança da Praça, coletivo cultural é fundado por Rafael Carnevalli, Rayana Castanhede, Mariana Corado e Quésia Azevedo que realiza saraus, slams, rodas de conversa e oficinas artísticas em São Miguel Paulista.

2013



Slam do Corpo, primeiro slam de surdos e ouvintes do Brasil.

2014



Primeira edição do SLAM BR que inclui atividades formativas.



Rio Poetry Slam primeira competição internacional de poesia do país.



Primeiro Slam Interescolar SP, campeonato de poesia falada entre alunos representantes de escolas do estado de São Paulo que inclui atividades formativas. Organizado pelo Slam da Guilhermina.

O prefeito Fernando Haddad institui o Programa de Fomento à Cultura da Periferia de São Paulo.



Dominação - A Batalha - Batalha de rima freestyle voltada para mulheres, homens trans e pessoas não binárias. Fundada por Gabi Nyarai, Ari El, Jade Quebra, Ingrid Martins e Magda. Na Estação São Bento.



Luz Ribeiro disputa o Grand Poetry Slam na França. Desde então todas as representantes brasileiras foram mulheres.



Vídeo de Mariana Felix declamando um poema contra Bolsonaro na Final do Slam da Guilhermina alcança milhares de visualizações.

2016



Roberta Estrela D'Alva se torna apresentadora do Manos e Minas trazendo o quadro de Slam. Roberta é a segunda mulher a comandar o programa.



Slam das Minas SP é fundado por Carol Peixoto, Luz Ribeiro, Mel Duarte e Pam Araújo.

2017

Roberta Estrela D'Alva e Tatiana Lohmann lançam o documentário Slam: Voz de Levante.



Bell Puã (Slam das Minas, PE) vence o Slam BR e representa o Brasil no Grand Poetry Slam.

2018



2014



“Sabotage sem Massage na Mensage!”
Primeira edição do Slam Resistência na Praça Roosevelt, idealizado por Adelson Chaves depois completado por Charles Monteiro, Lika Rosa, MC Cérebro, B.Boy Banks e Le Gusta. O slam foi o primeiro a investir na videopoesia e viralizar nas redes sociais.

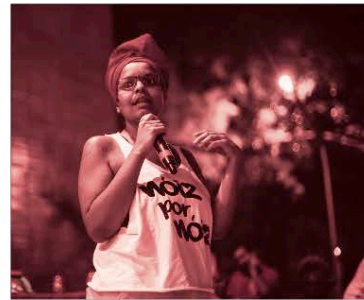


Projeto WiFi Livre disponibiliza internet em 120 pontos como praças e outros equipamentos públicos - bibliotecas, teatros, subprefeituras, CEUs, Fab Labs e etc.

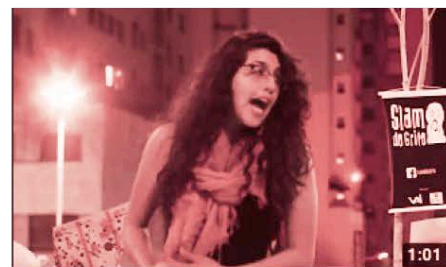
2015



O movimento secundarista, em que o poeta Lucas Koka Penteadó era um dos líderes junto com Marcela Jesus, Nayara Souza e Lu Felix, ocupa escolas estaduais em protesto à gestão do governador Geraldo Alckmin.



Tatiana Nascimento cria o primeiro Slam das Minas, DF.



Videopoema de Sabrina Lopes declamando no Slam Resistência é o primeiro a receber milhares de visualizações no youtube e facebook.



Criação do Slam Marginália para corpos dissidentes na Estação São Bento. Evento derivado da Dominação - A Batalha.

2018



Criação da Grandir Edições por Juliana Correia, que publicou de forma independente mais de vinte livros de poetas da cena do slam.



Kimani, vencedora do Slam BR 2019, participa da primeira edição virtual do Grand Poetry Slam.

2019



Patrícia Meira é campeã do Campeonato Argentino de Poesia Falada e tem seu livro "É amor que você quer? Então Toma!" traduzido para o espanhol.

2020



Jessica Campos (Slam Capão) é campeã do Slam BR 2020, edição totalmente virtual.



Primeira edição online do Slam Resistência.

2021

As edições do Slam SP, Slam BR, Torneio dos Slams e Slam da Guilhermina são retomadas virtualmente.

Fonte: Elaborado pela autora. **Linha do Tempo: Marcos na história do Slam.**

1.5 A pesquisa na linha do tempo

Esta linha do tempo foi desenvolvida com base em depoimentos, principalmente da poeta e slammaster Lika Rosa, informações da bibliografia e vivências. O primeiro slam que eu vi foi uma edição do Slam da Guilhermina, no Sesc Itaquera, em 2015. Nesse dia, conheci Emerson Alcalde, Mariana Felix e Haux Del Chaves e passei a acompanhá-los pelas redes sociais. Com Adelson, acabei criando uma ligação mais próxima e foi por muitos convites seus que eu fui a uma edição do Slam Resistência, na praça Roosevelt, em 2019. No mesmo ano, conheci Lika Rosa, slammaster do Slam Resistência. Em março de 2019, fui ao Torneio Nacional Singularidades de Poesia, no Sesc Ipiranga. O evento foi organizado pelo Slam das Minas SP, o primeiro torneio nacional de poesia falada exclusiva para mulheres e pessoas transgêneros, com participantes de São Paulo, Rio de Janeiro, Pará, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

No lançamento do livro **Diário Bolivariano**, de Emerson Alcalde, no Sesc Avenida Paulista, eu e Lika Rosa nos falamos novamente e um tempo depois nos envolvemos e tornamos companheiras. Comecei, então, a adentrar ainda mais a cena. Conheci a equipe da Yan Comunicação, empresa sediada na Barra Funda, que desenvolve produções, projeto gráfico e edições de livros dos poetas do slam. Eles assinam a coleção Slam - organizada por Emerson Alcalde, com os títulos **Empoderamento Feminino** (2019), **LGBTQIA+** (2019), **Negritude** (2019) e **Antifa** (2019), reunindo mais de 40 poetas de diversas regiões do Brasil.



Coleção Slam, antologia de poemas, organizada por Emerson Alcalde, lançada em 2019.

Chamo a atenção que na linha do tempo exposta acima estão incluídos alguns expoentes da literatura marginal contemporânea, como Sérgio Vaz e Ferréz, e ações de coletivos e políticas públicas na Zona Leste que propiciaram o desenvolvimento da cena dos saraus de poesia. Ou seja, quando Roberta Estrela D'Alva criou o primeiro slam no Brasil, aos moldes do slam norte-americano, o slam brasileiro ganhou forma ao se misturar com um cenário já existente e em ebulição derivado da literatura marginal, dos saraus e demais coletivos de teatro, arte e resistência.

Os anos de 2013 a 2015 foram um período de intensa participação política por parte dos jovens, culminando no movimento dos estudantes secundaristas, em 2015, que esteve em constante contato com a cena dos slams, principalmente o Slam Resistência.

1.6 Mapa dos slams

Em um levantamento feito em 2017 e revisto em 2020, pré-pandemia, enquanto ainda havia os eventos presenciais, a região com maior concentração de slams está no município de São Paulo: 37. Sendo que no estado de São Paulo há 41. São 97 slams no Sudeste, 29 na região Nordeste, 25 no Sul, 12 no Centro Oeste e 02 na região Norte. Totalizando 165 slams no Brasil.

1.7 Slams em 2020

MAPA DOS SLAMS

BRASIL - número de slams por estado



Fonte: Elaborado pela autora. Mapa dos Slams por estado.

Município de SÃO PAULO

Zona Norte

1. Slam do Pico
2. Slam da Norte
3. USPerifa
4. Slam Jazz
5. Menor Slam do Mundo

Zona Sul

6. Slam do Real
7. Slam do Bronx
8. Slam 13zinho / 13zão
9. Slam Capão
10. Slam Grajaú

Centro

11. ZAP! Slam
12. Slam Moinho Resiste
13. Slam Rua
14. Slam Resistência
15. Slam Convicto
16. Sofalá
17. Slam Marginália
18. Slam Poesia Racional

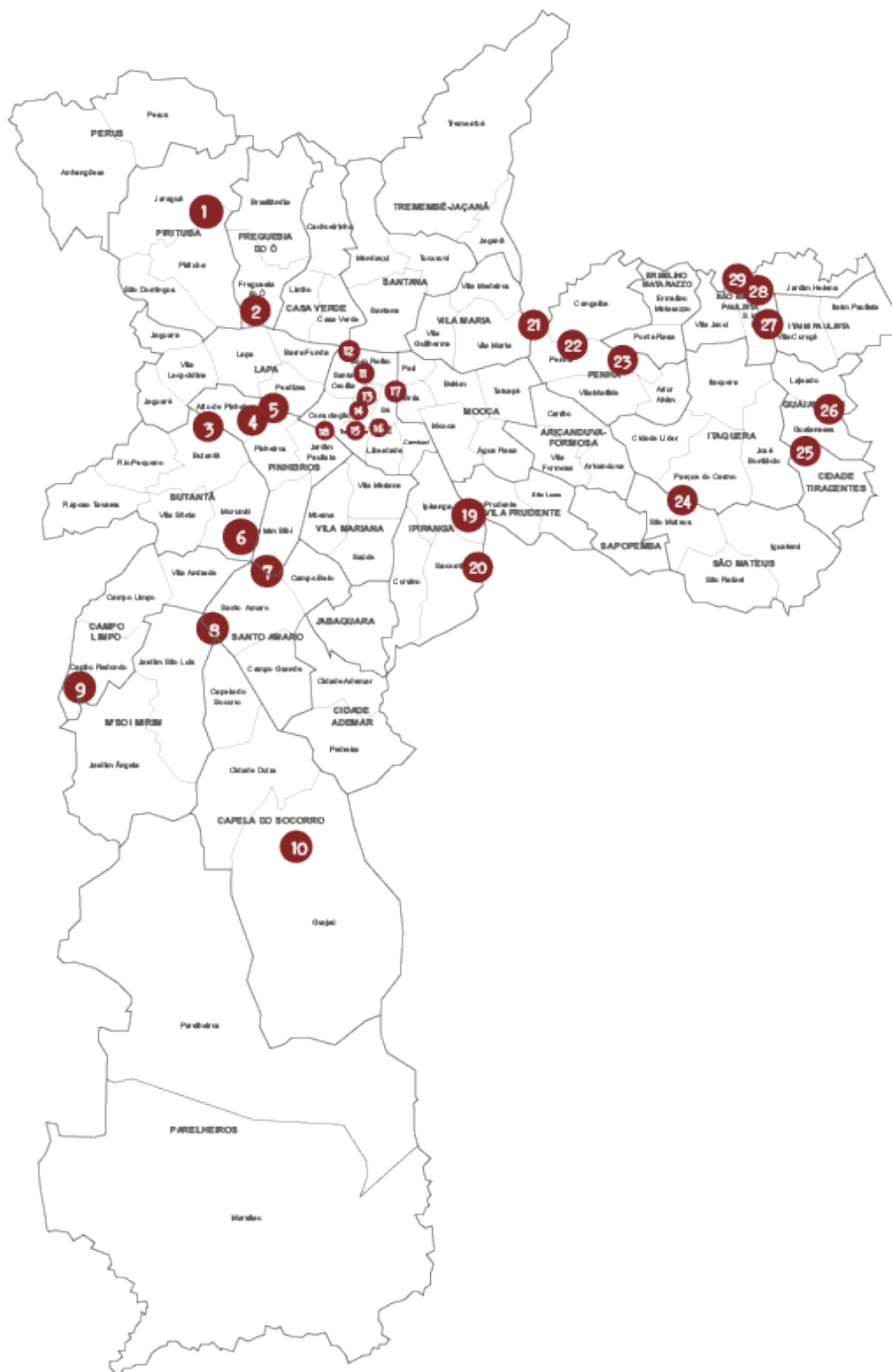
Zona Leste

19. Slam Petisco
20. Slam do Helipa
21. Slam Tiquatira
22. Slam Perplexo
23. Slam da Guilhermina
24. Slam Só Favela
25. Slam Letra Preta
26. Slam CT
27. Slam da Federal
28. Slam Função
29. Slam Racha Coração

Slams itinerantes

- Slam do Corpo
- Slam das Minas
- Slam da Ponta
- Slam do Grito
- Slam do Cordel
- Slam Diversos
- Slam Interescolar
- Torneio dos Slams

Fonte: Elaborado pela autora. Levantamento Slams Município de São Paulo.



Fonte: Elaborado pela autora. **Distribuição regional de Slams.**

RIO DE JANEIRO

Slam Tagarela	Slam Trindade	Slam Veia Aberta
Slam Colegial - FLUP	Slam de Quinta	Slam do Topo
Slam Lage	Slam BXD	Slam X
Slam PPF	Slam Vila Isabel	Slam GDS
Slam Chicas Da Silva	Slam da Praça	Slam Liberdade
Slam Favela tem Voz	Slam Marginow	Slam Circuito Universi- tário
Slam Canta Teresa	Slam Melanina	Slam Underground
Slam O24	Slam Poetas Compulsivos	
Slam Paz em Guerra	Slam Segunda Resiste	
Slam Grito Filmes	Slam das Minas	
Slam da Boa Vista	Slam Nós da Rua	
Haicai Combat	Slam da Praça	

MINAS GERAIS

Slam Clube da Luta	Slam Recitando Vidas
Slam a Rua Declama	Slam Avóia Amor
Slam Rosa do Povo - Uberaba	Slam do Viaduto pra Cá
Slam Ágora	Slam Ternas
Slam Duamó	Slam Ondaka
Slam Abaeté	Slam Valores
Slam da Estação	Slam Akewi
Slam Trincheiras	Slam Ondaka de Poemas Curtos
Slam Verdade Seja Dita	Slam Ativista
Slam das Manas	

RIO GRANDE DO SUL BAHIA

Slam Peleia
Slam Liberta
Slam da Tinga
Slam 48
Slam RS
Slam Chamego
Slam do Sopapo
Slam Poetiza
Slam das Minas-RS
Slam do Trago
Slam de Maria
Slam da Bonja

Slam Onça
Slam das Minas - BA
Slam Força Feminina
Slam da Mulé
Slam da Raça
Slam da Vila
Slam da Quadra
Slam Deixa Acontecer
Slam Lonan

SANTA CATARINA

Slam do Continente
Traga sua Arte
Slam Blumenau
Slam das Tribos
Slam Cruz e Souza
Slam&Jam
Slam Agenda
Slam Dissemina
Slam da Economia

ESPÍRITO SANTO

Slam Botocudos
Slam Orla
Slam Artevista
Slam Misia
Slam Ocupa
Slam Boca do Forno

DISTRITO FEDERAL CERARÁ

Slam Q'brada
Slam Ocupa
Slam das Minas - DF
Slam Déf
Slam Afronta

Slam da Quentura/Sobral
Slam da Ocupa

MATO GROSSO

Slam de Tchapa e Cruz
Slam do Capim Cherôso
Slam Ocupa Capão do Nego

PARAÍBA

Slam Parahyba
Slam de Campina Grande

MATO GROSSO DO SUL

Slam Campão
Slam Resiliência
Slam Luminescência
Slam Carmelhas

PARÁ

Slam Dandarás do Norte

SERGIPE

Slam do Tabuleiro

PARANÁ

Slam Contrataq
Slam do Verbo Divino
Slam Palhoça

RIO GRANDE DO NORTE

Slam Mosoró

PERNAMBUCO

Slam Caruaru
Slam das Minas-PE
Slam da Praça
Slam Peequação

ACRE

Slam Acre

Fonte: Elaborado pela autora. **Slams por regiões da Federação.**

INTERIOR E LITORAL DE SP



Bauru

1. Slam da Quebrada

Ribeirão Preto

2. Slam da Cana

Tatuí

3. Slam Tatuí

Santos

4. Slam Pira VDC

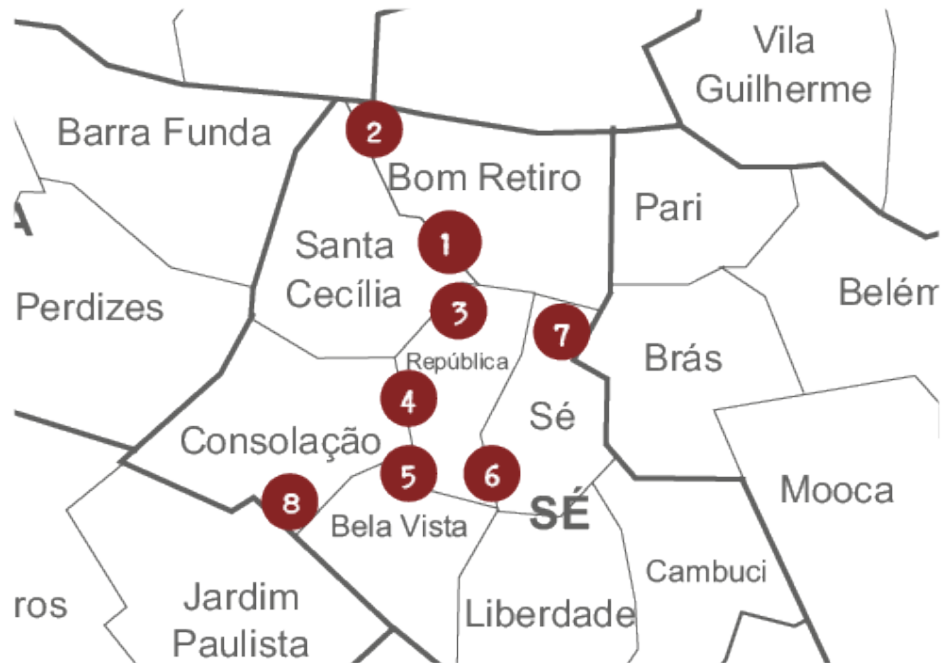
5. Slam dos Andradas

Ilhabela

6. Slam Poeme-se

Fonte: Elaborado pela autora. Slams Interior e Litoral de São Paulo.

SÃO PAULO - centro



- | | |
|------------------------|-------------------------|
| 1. ZAP! Slam | 5. Slam Convicto |
| 2. Slam Moinho Resiste | 6. Sofalá |
| 3. Slam Rua | 7. Slam Marginália |
| 4. Slam Resistência | 8. Slam Poesia Racional |

SP - zona norte e oeste



1. Slam do Pico

2. Slam da Norte

3. USPerifa

4. Slam Jazz

5. Menor Slam do Mundo

SP - zona leste



1. Slam Petisco

2. Slam do Helipa

3. Slam Tiquatira

4. Slam Perplexo

5. Slam da Guilhermina

6. Slam Só Favela

7. Slam Letra Preta

8. Slam CT

9. Slam da Federal

10. Slam Função

11. Slam Racha Coração

1.7 Slams em 2021



Fonte: Instagram @CopaDasFavelas.Slam,

Slams de São Paulo participantes do projeto Copa das Favelas Slam.

1. Slam da Guilhermina
2. Slam Resistência
3. Slam Petisco
4. Slam do Bronx
5. Slam do Corre
6. Slam do Real
7. Slam Perplexo
8. Slam do Grajaú
9. Slam das Minas SP
10. Slam Função
11. Slam da Norte
12. Slam Racha Coração
13. Slam Tiquatira
14. Slam do 13
15. Slam Capão
16. Slam Usperifa
17. Slam Fluxo
18. Slam #PAREMDENOSMATAR
19. Slam Fecha com as Sistahs
20. Slam Interuni

2. OBJETIVOS

Esta pesquisa busca refletir sobre as potências do slam como forma de comunicação poética-política, traçar diálogos com conceitos como o de *aqueerlombamiento* (NASCIMENTO, 2020) e com outras séries culturais, como a umbanda. Como a dissertação gira em torno do protagonismo feminino na cena poética dos slams, as escolhas epistemológicas levam em conta a construção e transmissão de uma história pela voz das mulheres.

Pretende-se analisar as potências do slam e como e quando ele pode ser insurgente no sentido de provocar um movimento para uma real ruptura com a lógica binária e capitalista. Como consequência desta análise, será realizado um filme-documentário com o objetivo de expor visualmente alguns dos conceitos trabalhados na dissertação, além de servir como registro histórico. Busca-se construir pontes entre saberes.

3. PROBLEMA DE PESQUISA E HIPÓTESES

3.1 Como se observa o efeito libertador da poesia?

Serão abordadas teorias acerca do corpo e da voz na paisagem. Conceitos de performance e autorrepresentação (D'ALVA, 2014). As características e especificidades do slam brasileiro feminino serão desenvolvidas com base em teorias feministas (DIAS, 2009, CAVARERO, 2011, GARCIA, 2011) e nos conceitos de mestiçagem, política e cultura (PINHEIRO, 2013). Para isso, estabelece-se um diálogo entre as entrevistas coletadas com as poetas Mariana Felix e Patrícia Meira, com as slammasters Lika Rosa (Slam Resistência) e Cristina Assunção (Slam da Guilhermina), acervo de vídeo poemas e autoras, como Gloria Anzaldúa (2004) e Audre Lorde (2019).

3.2 Como se dá o efeito multiplicador da poesia?

Pelo histórico de atuação política dos bairros periféricos, pelo processo educativo de criação, pelo modo de organização em coletivos e o trânsito entre eles, oficinas, empoderamento, atuação político-social-cultural, protagonismo, feminismo, o processo de publicação independente, livros e vídeos. Para desenvolver esta hipótese, conto com depoimentos, entrevistas e com as teses desenvolvidas de Roberta Estrela D'Alva (2019) e os conceitos de afeto a *aqueerlombamiento* (2020) de Tatiana Nascimento. Além do diálogo com teóricas feministas que ressaltam a potência do conhecimento advindo da experiência vivida, da relação entre mulheres e a transmissão desse conhecimento de geração em geração.

4. JUSTIFICATIVA

Historicamente, as vozes das mulheres estão sob intenso ataque patriarcal para que sejam silenciadas. As origens, os porquês e exemplos disso podem ser lidos nas teóricas Garcia (2011), Nye (1995) e Beauvoir (1980), entre outras. A luta contra esse silenciamento aparece como tema em diversos poemas das mulheres slammers. Apesar do contexto político brasileiro atual estar caminhando em direção contrária aos avanços da representatividade feminina na política, os *slams* estão ganhando força e a presença de poetisas mulheres, trans e corpos dissidentes só aumenta, desde a criação do primeiro Slam das Minas em 2015.

As poesias declamadas por diversos poetisas nos coletivos de slams – no país, há mais de 100 grupos, com maior concentração na cidade de São Paulo – são formas autênticas de expressão de uma multidão queer (PRECIADO, 2011) que raramente é escutada pelos meios tradicionais e hegemônicos (mídia, academia, políticos e meio cultural) e têm suas narrativas frequentemente cooptadas pelo capitalismo.

Os versos saem como um grito de quem enfrenta em seu dia-a-dia, por gerações e gerações, preconceito, silenciamento e repressão. Com o crescimento da onda conservadora e de direita que tomou o poder político no Brasil, decorrente da conjuntura que se instalou desde o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, é urgente a manutenção e incentivo desse tipo de manifestação artística. Manifestação vista, aqui, como forma de resistência e preservação da liberdade de se expressar publicamente sobre diferença de classes, misoginia, assédio, patriarcado, violência, política, corrupção, fascismo, preconceitos, diversidade – alguns dos principais temas dos poemas apresentados pelos poetisas slammers.

4.1 A missão do slam: transformação

*Tamo indo buscar, tamo indo buscar a cura
Tamo indo buscar, tamo indo buscar a cura
Cultural, social
Haux Del Chaves*

O slam é um campeonato de poesia, um jogo lúdico em volta de formas artísticas de se expressar: a performance, a oratória, a rima, a entoação de voz, a apresentação pessoal, referenciação entre poetisas da cena, flerte com a música e com o hip-hop, resgate e transmissão de conhecimentos orais da umbanda e das culturas de matrizes afro e indígenas. Tudo isso em forma de roda e celebração. Os slams mais equipados utilizam caixas de som e

um DJ embala o encontro. Entretanto, essa alegria e celebração não é ingênua. A missão do slam é educativa e busca a cura e a transformação social. Mariana Felix, poeta formadora do Slam Interescolar SP e uma das poetas mulheres pioneiras da cena, comenta:

O slam também é sobre ser simples, porque nós estamos atingindo (...) pessoas que têm um déficit escolar ou de anos, ou de ter frequentado a escola, mas enfim não ter aproveitado 100% aquele ambiente escolar por N tipos de dificuldades sociais, inclusive, e que é importante também a simplicidade para que a gente alcance. E isso é que faz de nós multiplicadores. Nós não estamos pela estética, pelo formato, pela riqueza do formato, a gente tá pela riqueza da multiplicação, então sejamos simples, para sermos objetivos e alcançarmos. E isso, no final das contas, atingiu até a galera que gosta do difícil.¹³

Nos discursos de protesto e denúncia antirracistas, antimachistas, antifascistas, despontam afirmações de identidade que inflamam os participantes do slam e espectadores dos vídeos com o vislumbre de um revide. A arte política ganha potência, alcance e público, mas o que já é potente pode ser ainda mais subversivo se o foco da atenção se deslocar do *logos* - do significado, das oposições binárias e das linearidades das narrativas, para as forças centrífugas da arte e das relações entre corpos/corpas e desses corpos com a natureza. Relações essas formadas por afetos e conflitos em um *continuum* - em golfadas, em constante movimento que ultrapassam a linearidade discursiva. Susan Sontag, no livro **Contra a interpretação**, discorre sobre a limitação de se ater apenas ao conteúdo interpretado a partir de uma obra de arte: "Em vez de uma hermenêutica, precisamos de uma erótica da arte" (SONTAG, 1987, p. 23).

¹³ Entrevista com Mariana Felix, realizada pela autora em 30 de julho de 2020.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*A gente tá construindo história,
a gente quer ser reconhecido agora*
Patrícia Meira

A frase da epígrafe foi dita pela poeta Patrícia Meira ao responder minha pergunta "você acredita que o slam tem uma missão educativa?". Tive a oportunidade de entrevistá-la em abril de 2020 e pudemos conversar sobre os dois problemas e hipóteses da minha pesquisa: o efeito libertador e o efeito multiplicador da poesia das mulheres no slam. A partir de discussões levantadas nas disciplinas "Teorias Culturalistas da Comunicação: mídia e política dos signos: o macro, o micro e a paisagem cultural", ministrada pelo professor Amálio Pinheiro, e pela disciplina do curso de pós-graduação de Psicologia Social, "Itinerários da liberdade feminina: Práticas de liberdade de mulheres na sociedade ocidental", com a professora Carla Cristina Garcia, pude traçar algumas relações em direção à capacidade insurgente dessa manifestação artística slam, e sua tradução brasileira, com o recorte na atuação protagonista das mulheres nessa forma de fazer poesia.

5.1 A poesia na encruzilhada da liberdade

Por meio de cinco aspectos condutores da pesquisa: 1. Diacronia, 2. Sincronia, 3. Memória, 4. Ambiente Cultural e 5. Camadas telúricas, procuro observar minúcias gestuais e de linguagem no arquipélago relacional do slam.¹⁴

Apontando relações com algumas pensadoras, como a filósofa italiana Luisa Muraro (1992) e a historiadora brasileira Maria Odila Leite da Silva Dias (2019), este capítulo busca uma atitude epistemológica de pensar a história criticamente, com foco na experiência vivida pelas mulheres e pessoas não-binárias, e na forma como se relacionam. Ou seja, transmitir a ordem simbólica feminina e *queer*, em que o fazer da experiência das mulheres e pessoas não-binárias se torne visível e dizível.

¹⁴ Conforme desenvolvido na monografia da disciplina "Teorias Culturalistas da Comunicação: mídia e política dos signos: o macro, o micro e a paisagem cultural." com o Prof. Dr. Amálio Pinheiro. 1º semestre de 2020.

Assim como que para as manifestações culturais latino-americanas é reducionista utilizar teorias eurocêntricas, para analisar formas artísticas e relacionais das mulheres tampouco cabe repetir visões universalistas, patriarcais, centradas apenas no significado. Conforme Adriana Cavarero:

O *logos* desvocalizado, ou seja, a ordem dos puros significados a que ele corresponde funciona como um modelo de justas conexões do qual depende não apenas o sentido das palavras, mas também o estatuto ontológico do inteiro universo: almas, polis, mundo e céu incluídos. Em outras palavras, a ordem das ideias não apenas liga as ideias como se reflete, retorna, opera nos vários níveis do universo como um todo. Isso explica por que Platão - herdando um termo de Parmênides e preanunciando uma convicção que será depois de Descartes e de Hegel - afirma uma coincidência entre o pensamento e o ser. O registro das ideias não pode outra coisa a não ser confinar em seu interior aquelas *realidades* que ele previamente gerou e organizou. Em suma, a metafísica platônica não sustenta que tudo o que é real é pensável, mas sim proclama que tudo o que é pensável é real. (CAVARERO, 2011, p. 186-187)

Segundo Severo Sarduy (2014), para pensar a América Latina não é possível um *logos* dominante, e, sim, um *polilogos*.¹⁵ Maria Odila Leite da Silva Dias, em seu ensaio *Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças*, elucida:

O que decididamente não deve ser tentado é a inclusão nos estudos femininos de métodos tradicionais, funcionalistas, apropriados a sociedades estáveis, bem assentadas, e cuja permanência eles pretendem reforçar. Trata-se do risco no qual incorrem trabalhos de história das famílias, quando as tomam como instituições fixas e não processos em permanente mudança. Da mesma maneira, pesquisas sobre o processo de construção das norma culturais da Igreja, do Direito ou do próprio senso comum por vezes cometem o erro de aceitá-las, ao incorporar, talvez sem querer, as premissas universais em que se basearam. (DIAS, 2019)

Pensando o slam como uma rede de conversações, é possível traçar um diálogo com o biólogo e filósofo chileno Humberto Maturana e a psicóloga alemã Gerda Verden-Zöllner (2004), no livro **Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**:

(...) nós humanos, existimos na linguagem, e que todo o ser e todos os afazeres humanos ocorrem, portanto, no conversar - que é o resultado do entrelaçamento do emocionar com o linguajar. Do mesmo modo, afirmamos que a exigência na linguagem faz com que qualquer ocupação humana aconteça como uma rede específica de conversações. (MATURANA e VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 10-11)

¹⁵ Conforme orientação com o Prof. Dr. Amalio Pinheiro.

Por fim, identifico uma relação entre o arquipélago slam - poesia, rua, umbanda e candomblé, como espaço de cura e confluências, lugar de "imaginação centrífuga, a saber, metonímica e oblíqua, a partir da paisagem" (PINHEIRO, 2013, p. 34). Encruzilhada em que uma rede de conversações se estabelece em diálogo mestiço entre música, dança e voz - se entrelaçando em relações de afeto.

6. METODOLOGIA

Durante a pesquisa, a coleta de informações foi feita pela participação e observação nos slams, entrevistas com poetas e pessoas envolvidas com a cena, produção de registros fotográficos e audiovisuais e pesquisa em acervos de publicações dos poemas em vídeos e impressos. Paralelamente à dissertação, há a produção de um documentário curta-metragem intitulado **Minas no Slam**, além da participação e promoção de atividades relacionadas aos poetas e coletivos de slam, como a organização de um slam (Slam Interuni), criação de videopoesias, produção musical, vídeo homenagens, etc.

7. CRONOGRAMA

<p>1º semestre</p> <p>Agosto a novembro 2019</p>	<p>ingresso e participação nas disciplinas do mestrado em Comunicação e Semiótica e desenvolvimento do projeto de pesquisa junto ao orientador.</p> <p>Participação e observação dos movimentos slam em São Paulo.</p> <p>Participação nas disciplinas de mestrado: SEMINÁRIO DE PESQUISA II - Dr(a) Cecilia Almeida Salles</p> <p>Teorias da Complexidade na Comunicação: complexidade, tradução, mídia e paisagem. - Prof. Dr. Amalio Pinheiro</p>
<p>2º semestre</p> <p>Fevereiro a julho 2020</p>	<p>Participação nas disciplinas de mestrado:</p> <p>Itinerários da liberdade feminina: Práticas de liberdade de mulheres na sociedade ocidental. Professor: Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Garcia - Curso de Psicologia Social.</p> <p>Teorias Culturalistas da Comunicação: mídia e política dos signos: o macro, o micro e a paisagem cultural - Prof. Dr. Amálio Pinheiro</p> <p>Orientação com o Professor Amálio Pinheiro e participação nas reuniões do grupo de pesquisa "Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem".</p> <p>Entrevista com Patrícia Meira.</p>
<p>3º semestre</p> <p>agosto a novembro 2020</p>	<p>Desenvolvimento da pesquisa e orientação com o Professor Amálio Pinheiro.</p> <p>Participação na disciplina curricular: Políticas da vida e construção de corpos: a metamorfose como dispositivo de insurreição - disciplina com Prof^ª Dr^ª Christine Greiner.</p> <p>Participação das reuniões dos núcleos de pesquisa "Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem", conduzido por Prof. Dr. Amálio Pinheiro e do núcleo INANA - Núcleo Inanna de Estudos de Gêneros, Sexualidades e Diferenças - Tendências e Impasses: as novas direções das epistemologias feministas, coordenado por Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Garcia.</p> <p>Participação como ouvinte nas disciplinas:</p> <p>Teorias da Complexidade na Comunicação: complexidade, tradução, mídia e paisagem - Prof. Dr. Amálio Pinheiro, e Entreatos: feminismos, políticas e pensamentos - Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Garcia.</p> <p>Entrevista com Mariana Felix.</p>

4º semestre Fevereiro a julho 2021	<p>Desenvolvimento da pesquisa, elaboração do relatório de qualificação e orientação com o Prof. Dr. Amálio Pinheiro. Participação nos grupos de pesquisa Barroco e mestiçagem, Inanna e Jovens Urbanos.</p> <p>Organização e produção do Slam Interuni, campeonato de poesia online com entrevistas. Participação no projeto Copa das Favelas Slam.</p> <p>Exame de qualificação em março de 2021.</p>
5º semestre Agosto a dezembro 2021	<p>Conclusão, impressão e entrega da dissertação.</p> <p>Defesa da dissertação no dia 9 de dezembro de 2021.</p>

8. O SLAM BRASILEIRO

8.1 Diacronia: a tradução brasileira do slam

Do espaço fechado dos clubes de jazz de Chicago ao slam feito na rua, em São Paulo, os "campeonatos" de poesia tornaram-se espaços democráticos de atuação educativa, política, de desabafo e cura. O movimento em espaços ao ar livre se intensificou a partir da criação do Slam da Guilhermina, em 2012, por Emerson Alcalde, conforme Moler:

Alcalde defende que a poesia ganhou um conteúdo mais próximo do “desabafo artístico” de que uma estética poética, que por sua vez resultou no fomento à construção de comunidades como em nenhum outro país. A poesia produzida no slam possibilita que a narrativa das vivências cotidianas e singulares sejam coletivizadas. (MOLER, 2019, p. 67)

Em um slam, como o Slam da Guilhermina, essas narrativas são contadas a céu aberto, na rua, para muitas pessoas que ouvem em roda. É a voz que o corpo projeta na paisagem.



Fonte: Rodrigo Motta. **Slam da Guilhermina 2017.**

Em consonância com autores trazidos nas discussões com o Amálio Pinheiro, como Lotman (1996), Severo Sarduy (1989) e Lezama Lima (1993), o Brasil é um país com oralidade fértil, como outros da América Latina, e apresenta uma sociedade em estilo rápido. Pinheiro cita Lotman:

(...) as culturas cuja memória se satura fundamentalmente com textos criados por elas próprias, quase sempre se caracterizam por um desenvolvimento gradual e retardatário; ao contrário, as culturas cuja memória torna-se periodicamente objeto de uma saturação massiva com textos provenientes de uma outra tradição tendem a um "desenvolvimento acelerado". (LOTMAN, 1996, p. 161 apud PINHEIRO, 2013, p. 35)

Essa aceleração que, segundo a citação de Santos por Pinheiro, se amplia tentacularmente quando há uma grande confluência de textos orais, "constitui um campo privilegiado para o desenvolvimento de uma imaginação centrífuga, subversiva e blasfema" (SANTOS, 2006, p. 205 apud PINHEIRO, 2013, p. 34).

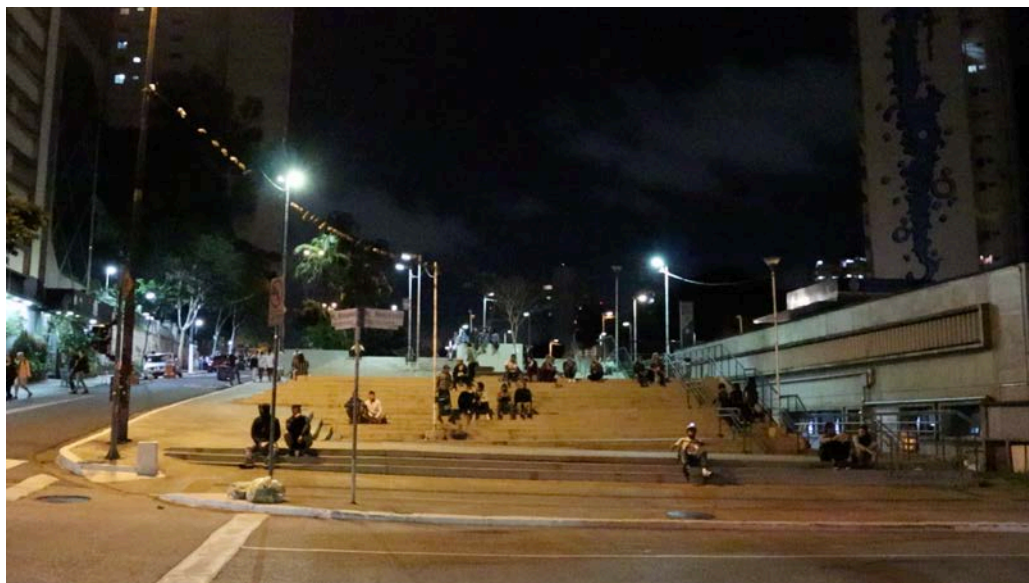
8.2 Mensageiros: o povo da rua

marabô
achei (que) você, (estava numa) encruzilhada
(devanei(gr)os desde meu cuêrlombismo)
Tatiana Nascimento

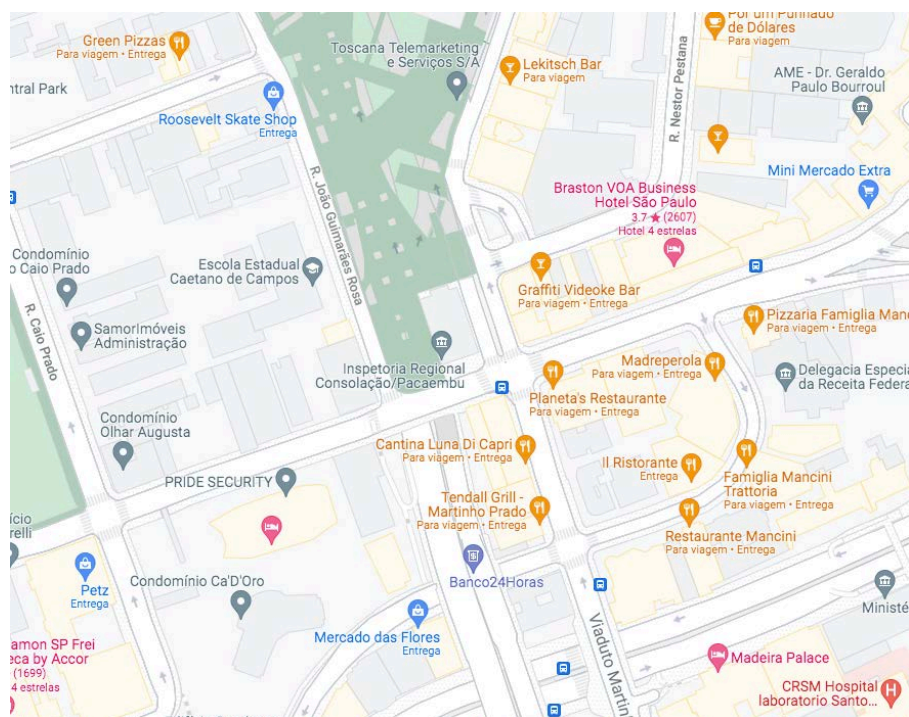
O slam possui também aspectos paradoxais e sacro-profanos. Durante uma entrevista, Lika Rosa menciona a ligação espiritual entre o slam e entidades da esquerda:

Então, eu era simplesmente bombardeada por essa energia, numa encruzilhada, exu e pombo-gira ali, o tempo inteiro, é algo com Adelson [Chaves] sempre falava, quando a gente tretava, ele falava: "mano, energia negativa porque aqui é uma encruzilhada, sabe? É força de Exu, pombo-gira, então a gente tinha muita essa presença também de entidades presentes dentro do nosso Slam. Era uma encruzilhada, isso estava consciente dentro da nossa cabeça, de guerra espiritual mesmo. Também a gente tinha essa consciência, a gente tem essa consciência. Então, a gente muito mais do que só fazer, a gente também trabalhava espiritual. E é por isso que eu falo a religião. Para nós estar ali toda primeira segunda-feira do mês, não tinha dinheiro que pagasse. Por mais que a gente mandasse o projeto, o projeto apoiando ou não, nós estaríamos lá. O projeto apoiando ou não, nós vamos continuar.¹⁶

¹⁶ Entrevista com Lika Rosa, realizada em vídeo por Carolina Vidal em 31 de março de 2021.



Fonte: Registro da autora. **Praça Roosevelt - local onde nasceu o Slam Resistência.**



Fonte: Google Maps. **Encruzilhadas ao redor da Praça Roosevelt.**

De acordo com Janáina Azevedo Corral, em **O Livro da Esquerda na Umbanda** (2010):

Exus e Pombagiras são bastante controversos pois não estão presos a amarras sociais, e os elementos que regem são, em geral, profundamente ligados à materialidade. (...) O nome Exu é iorubano, significa mensageiro e remete ao Orixá que fica entre o Céu e a Terra, que leva e traz mensagens entre os homens e os deuses. Em sua natureza, ele rege tudo quanto é material, físico e carnal, é ele quem traz o dinheiro, a fertilidade, o prazer, a festividade, a comida farta. Já a palavra Pombagira é uma aportuguesação do termo quimbundo (língua autóctone de Angola, na África) Mbobogiro, que também

remete a um espírito mensageiro, situado entre o Céu e a Terra. (Idem, 2010b, p. 31)

Como mensageiras controversas, as poetas do slam trazem, em seus poemas, o trânsito entre o Céu e a Terra, o sacro-profano, compartilhando vivências e paradoxos. Sobre paradoxos, a historiadora Joan W. Scott em seu livro **A Cidadã paradoxal: As feministas francesas e os direitos do homem** (2002) traz uma reflexão de 1788, de Olympe de Gouges, figura ovular na história do feminismo ocidental: "vão me condenar sem piedade por ser eu uma mulher que só oferece paradoxos, e não problemas fáceis de resolver":

Para a retórica e a estética, o paradoxo é um sinal de capacidade de equilibrar pensamentos e sentimentos complexamente contrários uns dos outros e, por extensão, da criatividade poética. (...) com maior frequência emprega-se o vocábulo "paradoxo" para significar uma opinião, que desafia o que é predominantemente ortodoxo, que é contrária à tradição (literalmente: transgride a doxa). O paradoxo marca sua posição de enfrentamento à tradição, acentuando as diferenças entre ambos. (SCOTT, 2002, p. 28)

Scott traz o conceito de paradoxo para a história do feminismo a partir do exemplo de Olympe de Gouges, ativista guilhotinada em 1793, por escrever o livro **Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã** (1791):

A história do feminismo é a história de mulheres que só tiveram a oferecer paradoxos não porque - como queriam os críticos misóginos - a capacidade racional da mulher seja deficiente ou a essência de sua natureza seja fundamentalmente diferente, nem porque o feminismo, de algum modo, não conseguiu alinhar teoria com prática, mas porque o feminismo ocidental e historicamente moderno é constituído por práticas discursivas de política democrática que igualaram individualidade e masculinidade. (SCOTT, 2002, p. 29)

Nós mulheres somos sempre "o outro" em relação a um "eu único" (sujeito, branco, masculino) e na sociedade patriarcal somos definidas pelo que não temos, ou não somos. Vivemos na encruzilhada do estar, sem pertencer a esse mundo.

8.3 A experiência vivida e o desabafo

A expressão melodramática está presente no modo de amar e de se comunicar do brasileiro. A performance no slam conta muito, na autorrepresentação de suas experiências vividas, predomina o jeito passional da poeta contar sua história:

A diferença do slam brasileiro pro slam argentino por exemplo, (...) é que a gente é mais emocional e a gente leva mais a sério. Eles são mais técnicos, a gente é mais emocional, sente mais, chora mais, sente mais aquilo que a gente diz. (...) Teve um momento, que mesmo as meninas, que eu fiquei perguntando “isso é algo que ela viveu, ou foi algo que ela criou?”¹⁷

A percepção de Patrícia Meira de que o slam brasileiro é mais emocional também dialoga com o poema *Poesia Marginal*¹⁸, de Tawane Theodoro, em que destaco os versos:

Nossas lutas viram combustível e nós sai recitando
Atirando poesia!
Falando da nossa realidade
Isso sim é sinônimo de felicidade
Porque a nossa essência
É pura resistência

Luisa Muraro, no texto *Sobre la Autoridad Femenina* (1992), retoma o conceito de autoridade de Hannah Arendt trazendo-o de um lugar “neutro masculino” para o que seria a autoridade feminina. Primeiro, diferenciando do conceito mais difundido de autoridade, como abuso de poder, e problematizando o igualitarismo feminista, cuja manifestação mais positiva é a sororidade. A partir da comunidade filosófica Diotima, fundada por ela e outras feministas, em 1984, na Universidade de Verona, ela traz o conceito do feminismo da diferença:

La práctica de la diferencia consiste en registrar y saber vivir el sentido de la superioridad de otra mujer, apoyandose en ella – como en una palanca para la liberación de los propios deseos, sin fijarse demasiado en la razón externa por la que la otra mujer se siente superior a una misma, aunque exista un hecho objetivamente inicuo como la diferencia de clase o de cultura, o un hecho natural como la juventud o la vejez, o uno contingente, etc. (MURARO, 1992, p. 56)

Entender e respeitar as diferenças entre as mulheres abre a possibilidade, segundo Muraro, da criação da ordem simbólica da mãe. Trazendo para o universo do slam, ao escutar outras mulheres contando sua experiência e entendendo a autoridade com que falam do assunto de suas próprias vidas, se estabelece uma relação de confiança e intercâmbio entre elas.

¹⁷ Entrevista com Patrícia Meira, realizada em vídeo por Carolina Vidal em 18 de abril de 2020.

¹⁸ Poema de Tawane Theodoro - íntegra nos anexos.

8.4 Sincronia: o slam na rua, a rede de afetos

Comecei minha entrevista com Patrícia Meira perguntando: “Você acha que a poesia tem um efeito libertador? O que a poesia te ajudou? Como você vê a poesia para sua vida hoje e para outras mulheres ao seu redor?”. Sua resposta foi:

A poesia escrita, por si só é libertadora. Escrever por si só é libertador. Mas a poesia, no meu caso, trazendo pro meu trabalho, pro meu meio de convívio ela tem um papel muito importante de autorreconhecimento, de me entender enquanto mulher, mulher preta, entender o que de fato é a liberdade.¹⁹

Patrícia Meira conta como foi sua primeira experiência em um slam, na Casa das Rosas, em 2016:

(...) ninguém me conhecia e as pessoas que mais me deram apoio no primeiro dia que eu batalhei foi a Deusa e a Maiara Vaz. A Maiara Vaz ficava me chamando de monstra! E eu não tava nem acostumada, tá me chamando de monstra por quê? Tá louca? (risos) Depois eu fui entender o porquê monstra, tipo alguém que é foda. E a Deusa gritava, cerrava o punho, e eu também não entendia o que era cerrar o punho. Sabe, mas eu vi que ela tava lá. E os homens, principalmente os que estavam competindo, já ficavam mais retraídos, mais tensos. As mulheres conseguem se fortalecer, eu consigo perceber isso na torcida e quando uma de nós tá nervosa, chega lá “não, vamo aí, cê é foda, não tem essa não”. Os meninos já não têm esse *feeling* de chegar e se ajudar, cada um quer... É lógico que isso não é uma regra, mas eles querem que se foda, “eu quero é minha vaga”. Mas as mulheres são mais próximas nesse sentido, de se fortalecer, “faz essa poesia aqui, se você fizer...”.²⁰

Perguntei também à poeta “o que é liberdade?”. Para ela, é: “a gente conseguir ser o que a gente gostaria. Eu acho que ninguém, nenhum ser humano na face da Terra consegue ser livre de verdade se ele não for quem ele gostaria de ser, como ele gostaria de ser”.²¹

A tradição oral está presente em todas as culturas e, na cultura afro, os griots representam homens e mulheres contadores das narrativas que vão fundar o modo de ser, viver, pensar daquela comunidade - o mesmo com árabes, ciganos e indígenas - influências presentes na etimologia do povo brasileiro. O conceito de ágora, metáfora muito utilizada para tratar do slam, levanta a lembrança das origens da democracia grega, em que as pessoas iam à praça pública discutir as decisões da *pólis*. Para Maturana, a democracia se aproxima da experiência da cultura matrística na infância:

¹⁹ Entrevista com Patrícia Meira, realizada em vídeo por Carolina Vidal em 18 de abril de 2020.

²⁰ Entrevista com Patrícia Meira, realizada em vídeo por Carolina Vidal em 18 de abril de 2020.

²¹ Entrevista com Patrícia Meira, realizada em vídeo por Carolina Vidal em 18 de abril de 2020.

O encontrar-se na *Ágora*, ou na praça do mercado, tornando públicos os assuntos da comunidade ao conversar sobre eles, transformou-se numa forma cotidiana de viver em algumas cidades-estado gregas. Nesse processo o emocional dos cidadãos mudou, quando a nostalgia matrística fundamental pela dignidade do respeito mútuo, própria da infância foi de fato satisfeita espontaneamente na operacionalidade dessas mesmas conversações. (MATURANA e VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 88)

Dentro do contexto da nossa cultura patriarcal, continua Maturana sobre os movimentos feministas:

O fato de que a mulher afirme - e de que os homens concordem com ela - que tem de lutar ou pelear pelo que ela sustenta serem seus legítimos direitos de cidadã democrática reafirma a patriarcalidade. Esta é, precisamente, o domínio cultural em que a questão da dignidade e do respeito recíproco nas relações humanas são vividos na forma de direitos e deveres, que têm de ser assegurados por alguma forma de luta social, e não como algo natural e próprio da convivência social humana. É a dissolução da luta que deve acontecer como seu verdadeiro propósito, e tal dissolução só é possível na passagem de uma cultura patriarcal para uma cultura neomatrística. (Idem, p. 110)

A ideia que Maturana traz de domínio cultural em que o respeito só é vivido na forma de direitos, por meio de lutas, dialoga com o ciclo vicioso da lógica binária, em que a posição de dominado-dominante, perseguido-perseguidor, é reforçada por meio dos discursos centrados no significado, partindo de ambos os lados. A cultura neomatrística, fundada na cooperação, funcionaria como um respiro em direção à liberdade, calcada na responsabilidade de nossas ações.

8.5 Memória - oralidade e os vínculos com o Gélédé

A cultura é um acúmulo de memórias e América Latina é, segundo Zumthor (1991), uma sociedade mista, em que a oralidade é tão ou mais importante que o elemento escrito. Para Patrícia Meira, ainda na mesma entrevista: "o slam resgata e te mostra o caminho, agora você decide para onde você quer seguir"²². Seria o slam, então, um resgate de uma história oral, a recuperação de uma alegria de viver, de ser quem se é, o resgate do feminino pulsante dentro da mulher e do homem, se relacionando em um continuum com nossas confluências afro-indígenas?

Além da *Ágora* grega, é possível identificar ainda mais semelhanças do slam herdadas do ritual iorubano Gélédé. Trago aqui duas visões sobre o tema. Primeiro, a do pesquisador

²² Entrevista com Patrícia Meira, realizada em vídeo por Carolina Vidal em 18 de abril de 2020.

Fernandes Portugal, presidente do Centro de estudos e pesquisas de cultura Yorubana, do Rio de Janeiro:

Aqui, um paralelo se impõe entre a literatura oral do carnaval brasileiro e o gélédé ou éfé yoruba. O gélédé, que existiu na Bahia até o início desse século, é ao mesmo tempo uma cerimônia religiosa para aplacar as iyamu (nossas mães mais poderosas) e uma festa popular com saída de máscaras. É, sobretudo, uma ocasião para se apresentarem poemas cantados na praça pública ou nas ruas da aldeia. O gélédé, como o carnaval, se organiza com pequenos grupos de bairro (cordão e afoxé no Brasil) que sucedem ao longo do dia. As canções do gélédé, como as do carnaval, têm como tema a vida e os problemas da comunidade, sobre os quais os poetas lançam um olhar crítico. (PORTUGAL, 1989, p. 24-25)

Outra definição da palavra Gèlèdè, presente no site do templo de Candomblé Oduduwa, dirigido pelo Bàbálórìsà nigeriano Adesíná Síkírù Sàlámì, o Babá King, em Mongaguá, SP:

A palavra Gèlèdè designa ao mesmo tempo um orixá, uma corporação de seres espirituais, o conjunto dos ancestrais femininos da humanidade, o culto a estes ancestrais e sua instituição, Egbé Gèlèdè. Todos os ancestrais femininos, as Ìyagbà ou Ìyámi, têm sua instituição em sociedades como Egbé Eleye, Egbé Ògbóni e Egbé Gèlèdè, consideradas secretas pelo fato de os seus conhecimentos serem transmitidos apenas a iniciados. A Sociedade Geledé, integrada por homens e mulheres, cultua as Ìyagbà, também chamadas Iyami, que simbolizam aspectos coletivos do poder ancestral feminino. Tem por finalidade propiciar a expressão de poderes místicos femininos, favorecer a fertilidade e a fecundidade, reiterar normas sociais de conduta e atrair o axé. É dirigida pelas erelú, mulheres detentoras dos segredos e poderes de Iyami, cuja boa vontade deve ser cultivada por ser essencial à continuidade da vida e da sociedade. O Culto a Geledé é encontrado principalmente entre os iorubás do ocidente, incluindo os de Ketu, Olori, Anago, Ifoniyin, Awori, Egbado, Ibarapa, povos do estado de Ogun, na Nigéria, e os Sabe, da República do Benin. Varia muito em resultado de fatores históricos e de padrões de culto herdados e adquiridos nas diversas linhagens. Em cada cidade é associado a uma divindade da terra ou da água.²³

Portanto, na cultura brasileira, em que elementos das culturas ditas "tradicionais", "de massa" e "contemporâneas" se assimilam continuamente e simultaneamente, o slam torna-se um espaço de reorganização das memórias de uma genealogia feminina, e, agora, no momento em que escrevo, em 2020, esse espaço também acontece intensamente pelo meio virtual, já que durante a quarentena, para prevenção do contágio do Covid-19, os eventos presenciais estão suspensos.

²³ Geledé - Templo Oduduwa. 2017. Disponível em: <<https://www.oduduwa.com.br/?cont=templo-gelede>>. Acesso em: 13 de junho de 2020.

Sobre a cultura das bordas, esse "grande texto-universo", Jerusa Pires Ferreira enumera séries culturais em diálogo constante: "Cinema, música, universos *pop*, populares em direcionamento midiático, inserções radiofônicas, gêneros variados e aceites, situações narrativas ou teatralizantes, tudo passou a fazer parte desse grande texto-universo que chamei bordas" (FERREIRA, 2010, p. 16).

No slam, como manifestação de cultura das bordas, manifestação artística espontânea e periférica, seria possível listar, além dos elementos trazidos por Jerusa: festa, poesia, literatura, teatralidade, performance, hip-hop, música, jogo (lúdico), religiosidade, escuta, autorrepresentação, reconhecimento, compartilhamento de experiências, sexualidade, estética, fortalecimento e cooperação.

8.6 Ambiente cultural - mulheres construindo história

Trazendo a reflexão de Laís Moler em sua tese "Quando "os olhos não veem" mas o coração sangra: uma análise das relações raciais pelos afetos e arte na arena do slam.":

A cena do Slam está além de uma batalha de poesias, é um espaço marcado pela celebração, pelos bons afetos, pelo sentimento de pertencimento a uma história e a um povo. (...) É um movimento, mas é também um encontro de autorrepresentação, já que são os periféricos, por eles e com eles, que constroem o show da poesia falada, descortinam a história, acessando a dor e a potência num movimento dialético. Na medida em que as demandas comuns ao povo preto são colocadas em pauta, anuncia-se a possibilidade de construir uma outra forma de ser e estar no mundo, levando-se em conta as emoções que permeiam esse processo. (MOLER, 2019, p. 69-70)

8.7 Slam em três versões

Em dezembro de 2019, assisti ao campeonato nacional Slam BR, organizado pelo slam ZAP! - Zona Autônoma da Palavra. À ocasião, a poeta Kimani venceu, representando o estado de São Paulo. Isso lhe daria a possibilidade de viajar para a França e representar o Brasil na Copa Mundial de Slam, em maio de 2020. Em função da pandemia de Covid, sua primeira viagem ao exterior foi adiada e a potência de sua performance teve que ser reduzida a um canto da tela, durante a transmissão do evento pela internet.

Três modalidades de slam:

Em ambiente fechado



Fonte: Sérgio Silva. Poeta Kimani, vencedora do Slam BR no Sesc Pinheiros.



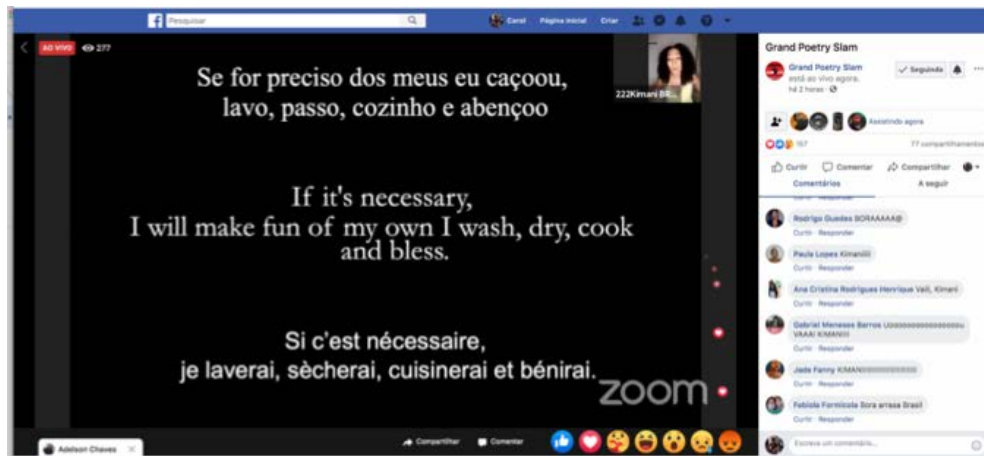
Fonte: Sérgio Silva. Tawane Theodoro e o público vibram na plateia do Slam.

Em ambiente aberto - rua



Fonte: Registro da autora. **Tawane Theodoro e Jéssica Campos recitam juntas no Slam Pós Slam, evento espontâneo que aconteceu após o Slam BR no Largo da Batata, ao lado do Sesc Pinheiros.**

Online/virtual



Fonte: Registro da autora. Print da transmissão ao vivo do Grand Poetry Slam em maio, 2020, pelo facebook



Fonte: Registro da autora. Print da transmissão ao vivo Slam BR em dezembro, 2020, pelo facebook.



Fonte: Registro da autora. Print da transmissão ao vivo do Abya Yala Poetry Slam em agosto, 2020, pelo facebook.

8.8 Escuta - espaço de abertura de incorporação do outro

Na entrevista, Patrícia Meira reflete sobre o lugar de escuta que se abre em um slam e ressalta o espaço de compartilhamento de dores e vivências, um lugar de referência, em que muitas meninas mais jovens sentem-se motivadas a escrever poesia depois de ter essas poetas como referência:

(...) as pessoas criticam o slam, porque fala que o discurso do slam é agressivo. Mas o problema não é o slam! O problema são os poetas que usam o discurso, e o poeta não é agressivo. Agressivo é o que a gente sentiu, agressivo foi o que nos levou a escrever a poesia. “Ah, mas não se fala de amor”, eu posso falar de amor, mas agora eu quero falar das minhas dores porque ninguém nunca escutou.²⁴

Maturana ressalta que, nas sociedades matrísticas, a cooperação é mais valorizada que a competição. Vivemos uma competição em exaustão na sociedade patriarcal. Com base em minhas análises e nas visões trazidas por Patrícia Meira na entrevista, tanto em um terreiro quanto em um slam, esse espaço de escuta do outro propicia um ambiente de cooperação e empatia. Importante espaço de resistência e respiro convivendo concomitantemente com o capitalismo tecnológico e burocrata e governos com tendências fascistas no poder.

8.9 Camadas telúricas: voz, corpo, natureza

Um corpo que dança pelo espaço, uma voz que se levanta para ser ouvida e se entrelaça aos ruídos da cidade, uma poesia crítica recitada em ritmo de um tamborim de samba. No slam, o corpo e a voz são os elementos em evidência em um jogo coletivo relacional, entre poeta, plateia, jurados, DJ, MC (mestre de cerimônias ou slammaster). É a celebração da arte como caminho de liberdade, de se aceitar quem se é e conseguir se relacionar com o ambiente ao seu redor, traduzindo a natureza do cotidiano, compartilhando experiências e exercitando a escuta.

O espaço de realização dos slams brasileiros constitui uma diferença significativa com relação à versão americana: nos Estados Unidos, as batalhas ocorrem sempre dentro de espaços fechados – teatros, bares ou casas de show –, onde é necessário comprar ingresso para participar do evento. No Brasil, mesmo nas ocasiões em que ocorrem em espaços fechados, os slams costumam ser sempre gratuitos. Muitos slams, como o da Guilhermina e o Resistência, se realizam em praça pública, o que amplia ainda mais a sua capacidade enquanto fórum. (FREITAS, 2019 p. 97)

²⁴ Entrevista com Patrícia Meira, realizada em vídeo por Carolina Vidal em 18 de abril de 2020.



Fonte: Registro da autora. **Juliana Jesus, vencedora do Slam SP 2019, faz um gesto de capoeira durante sua poesia.**

9. A INSURGÊNCIA NO SLAM

9.1 A competição

A competição é típica do sistema capitalista. É um dos fundamentos da divisão de classes, da propriedade privada, do mundo do trabalho, da disputa pessoal, etc. É uma fonte de angústia e de ansiedade (como na academia). No esporte, fica bem evidente quando a violência se sobrepõe ao caráter lúdico, por conta da competição.

Sobre o aspecto competitivo do Slam, Roberta Estrela D'Alva se apoia na obra de Zumthor para levantar uma característica muito criticada à medida que o slam foi ganhando a mídia:

Marcada por sua pré-história, a poesia oral cumpre assim uma função mais lúdica que estética: ela garante essa partida no conceito vital, na liturgia cósmica. Ao mesmo tempo, é enigma, ensinamento, divertimento e luta. Historicamente, jamais perde por inteiro essas características. Daí sua relativa indiferença aos cânones sucessivos da beleza e, frequentemente, sua agressividade, sua tendência a se organizar em formas contrastivas, provocadoras, suscitadoras de competição. (ZUMTHOR, p. 279-280 apud D'ALVA, 2014, p. 116)

9.2 Poeta e plateia

No prefácio do livro **Empoderamento Feminino** (2019), organizado por Emerson Alcalde, fundador do Slam da Guilhermina, a doutoranda em Literatura Hispano-Americana, Renata Dorneles observa algumas características da relação poeta e público no slam:

Ao final de cada performance, não sou a única emocionada com a poesia. "Tchu tcha tcha tchu tchu tcha", é o som vindo da plateia. A melodia do funk toma lugar das palmas, já ultrapassadas no slam. É a maneira do público expressar que aquela poesia tem força e ultrapassou os ouvidos, que reverenciam cada verso proferido, para chegar a um lugar que toca cada mulher ali presente. A reinvenção da poesia, da cidade, do copo unem-se nos slams. É o momento de assumir a cidade como um território de disputa por intervenção da palavra. E essa disputa fica evidente quando cada poeta se coloca frente ao público e mostra a potência da palavra, a palavra-mulher. A caneta, utilizada antes da performance para rabiscar poesias, expõe o grito latente que reverbera a voz da poeta-mulher cada vez que sua poesia-dor, sua poesia-força, sua poesia-autoamor encontram seus pares nesses espaços de resistência de arte e chegam às linhas deste livro. (DORNELES in ALCALDE, 2019. p. 6-7)

A plateia de um slam em praça pública está aberta a acolher qualquer transeunte ao acaso, mas os pares de quem Dorneles fala estão lá: são jovens que se identificam com as narrativas, que inflamam nos trechos, por vezes, mais agressivos, ou que representam a energia de revide. A plateia também é formada por poetas que vibram durante, às vezes até interrompendo a poesia, e ao final das performances. É recorrente também poetas e fãs que sabem de cor a poesia e fazem coro durante a declamação. Portanto, paradoxalmente convivendo com a seriedade dos poemas, o ambiente é de festa e muito descontraído. A figura da/do slammaster, equivalente a um MC (Mestre de Cerimônia), conforme observado no Slam Resistência e no Slam da Guilhermina, conduz o slam como um espetáculo divertido, poético e com comicidade. No ZAP! Slam, a responsável por sortear o nome dos poetas se locomove de patins. Entre a equipe de um slam é comum que haja também DJ colocando músicas nos intervalos e entre a enunciação da/o próxima/o poeta e o grito do slam - que serve para marcar o início da contagem dos três minutos. A seguir, o grito dos dois maiores slams do Brasil:

Sabotage sem massage na mensage! - Slam Resistência

*Guilherminas, Guilhermanos, Guilherminas, Guilhermanos,
123! - Slam da Guilhermina*

9.3 Notas, jurados e juradas!

Quando a poesia termina, é a hora que a/o slammaster pede as notas das/dos juradas. Nesse momento, a plateia é incentivada a fazer o coro de "pow!", para notas 10, e "credo!", para qualquer nota diferente dessa. Existem as variações desses gritos, no Slam Marginália, se grita “bafoooo”, para 10, e "uó", para notas menores. No Slam do Cordel, se grita "Misericórdia!", para notas baixas.



Fonte: Registro da autora. **Final da poesia de Luiza Lustosa.**
Gritos de tchu tcha tcha tchu tchu tcha por outras poetas.

9.4 Poético-política

Poetividade, intervenções culturais, sociais
Poética pra batalha, venham!
Tragam seus molotovs verbais
Dizemos mais, paz! Venha!
Sócio-epifania, poesia sempre vence
a competição é ironia, dialético, esporte poético
Slam com o espírito
Le Parkour com as palavras
Brasil, vandalismo lírico.
Tem espaço pra geral,
tem até poeta mudo.
Mostre o seu poder composicional em três minutos.
Tragam suas armas letrais
Atitude e inteligência
Sabotage sem massage na mensage, Slam Resistência.
Multietnia, é nós.
Ahou, brasilidade.
Trovadores, pensadores da contemporaneidade.
Trovadoras e pensadoras da contemporaneidade.

Hino Do Slam Resistência - Haux Del Chaves

Daniela Freitas, ao analisar o Slam Resistência, observa: "A prática da cidadania insurgente acontece, então, no centro da pólis, na ágora, no fórum, e toma a praça, quebrando a lógica de funcionamento da cidade neoliberal, reclamando o espaço da cidade enquanto espaço de festa e manifestação." (FREITAS, 2018, p. 114)

Em um universo tão amplo, com 45 slams na grande São Paulo e a pluralidade de slammers com suas trajetórias e estilos, é possível observar que ao mesmo tempo em que há a tendência a uma certa fórmula repetitiva, calcada na "autorrepresentação"²⁵ - e consequentemente na identidade -, o efeito libertador da poesia unido ao jeito festivo com o qual são conduzidos os slams, em praças públicas, acaba por configurar um cenário complexo de subversão à lógica neoliberal capitalista. Em entrevista concedida a mim, Lika Rosa, slammaster do Slam Resistência de 2017 a 2019, relata a incongruência de mesmo o evento

²⁵ Conceito desenvolvido por Roberta Estrela D'Alva: "Como no caso americano (e no caso do rap), no Slam Resistência, as performances dos poetas tendem a ser narrativas em primeira pessoa que tematizam sua experiência de vida, traço que Roberta Estrela D'Alva (2011) chama de "autorrepresentação". Ao relatar casos vívidos por ele/as, o/as poetas expõem a lógica do funcionamento dos mecanismos de controle biopolítico e enunciam os limites da democracia dentro da sociedade brasileira cordial. São temas como a desigualdade, a exclusão, o machismo, o racismo e a homofobia – além de certo flow de rap e de seus três minutos de canção (como aponta Somers-Willett (2011) sobre a slam poetry americana) – que garantem o sucesso da poesia entre júri e plateia" (FREITAS, 2018, p. 99-100).

sendo apoiado pela prefeitura de São Paulo, através do projeto VAI (Valorização a Iniciativas Culturais), as interrupções pela Polícia Militar serem frequentes:

No Slam Resistência, evento que ocorre toda primeira segunda feira de todo mês na praça Roosevelt, em 2018, mesmo o projeto sendo apoiado pela prefeitura de São Paulo (VAI 2), éramos interrompidxs, sendo obrigadxs a dar documentos, nomes e pontualmente se comprometer em acabar e liberar todxs às 22h. Ocorrências consecutivas e sempre informando que a vizinhança havia ligado.²⁶

9.5 Se querem nos privar, ocuparemos espaços

Na apresentação do livro **Querem nos Calar** (2019), Mel Duarte reflete sobre a importância dos slams que possuem recortes identitários:

(...) o poetry slam já alcançou pelo menos 18 dos 26 estados do país, sendo que oito deles possuem um recorte feminino, ou seja, onde só mulheres (héteras, lésbicas, bis ou trans) podem batalhar. A importância em se criar um slam com essa configuração é histórica, pois a sociedade que vivemos nos cria para obedecer sem questionar, para os afazeres domésticos, para a subserviência, mas não para nos posicionar, para sermos propositoras, para subir num palco e pegar um microfone, e quando assim fazemos, somos interrompidas, desvalorizadas. Dessa forma nós crescemos com o peso do silenciamento, mas logo entendemos que, se não há espaços que nos valorizam, nós devemos criá-los. (DUARTE, 2019, p. 11)

Além do Slam das Minas, resalto aqui a expressividade que tem ganhado o Slam do Corpo²⁷ e o Slam Marginália²⁸.

Embora na maioria das vezes o Marginália se organize conforme essa estrutura, Julia comenta que um dos maiores desafios é não cair no ostracismo e reproduzir espaços tradicionais. O Marginália quer mesmo é reinventar e quebrar as regras: “Houve edições que quem ganhou foi a pessoa que tirou a

²⁶ Entrevista com Lika Rosa. Realizada pela autora em 18 de novembro de 2019.

²⁷ "Em 2014 criamos o SLAM DO CORPO, 1ª batalha de poesias no Brasil com surdos e ouvintes, em parceria com o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos (idealizador do ZAP!SLAM) e o poeta Daniel Minchoni (idealizador do Sarau do Burro e Menor Slam do Mundo): este Slam nasceu do nosso desejo de experimentar performances poéticas numa composição entre a língua portuguesa e a língua de sinais, entre surdos e ouvintes. Partimos de duplas de poetas que criam e apresentam poesias nas duas línguas simultaneamente. Em suas performances, às vezes as línguas se diferenciam, cada uma acontece em sua gramática própria; noutras vezes, se entrecruzam. Este espaço-tempo, ora paralelo, ora indiscernível, chamamos "beijo de línguas". Apresentação do grupo Corposinalizante em sua página de Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Corposinalizante/>>. Acesso em: 23/11/19.

²⁸ "Slam Marginália é o pajubá tomando de assalto as batalhas de poesia, corpos trans, travestis, não-binários e todas as identidades dissidentes. Um espaço de reconhecimento, afeto e fortalecimento, pra desakuendar o CISTema valorizando nossa arte babado, marginal e monstruosa. "Rimando com os marginal / Fumando com a gentalha / O sistema vai cair / No Slam Marginália!". Apresentação da página de Facebook do Slam Marginália. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/slammarginalia/about>>. Acesso em: 23/11/19.

menor nota”, diz Júlia. “Queremos valorizar outros tipos de escritas e narrativas” (FORTES, 2019, s/p)

Em 2020, o Slam do Corpo foi questão da prova do ENEM:

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS
Questões de 06 a 45
Questão 6

Slam do Corpo é um encontro pensado para surdos e ouvintes, existente desde 2014, em São Paulo. Uma iniciativa pioneira do grupo Corposinalizante, criado em 2008. (Antes de seguirmos, vale a explicação: o termo *slam* vem do inglês e significa — numa nova acepção para o verbo geralmente utilizado para dizer “bater com força” — a “poesia falada nos ritmos das palavras e da cidade”). Nos saraus, o primeiro objetivo foi o de botar os poemas em Libras na roda, colocar os surdos para circular e entender esse encontro entre a poesia e a língua de sinais, compreender o encontro dessas duas línguas. Poemas de autoria própria, três minutos, um microfone. Sem figurino, nem adereços, nem acompanhamento musical. O que vale é modular a voz e o corpo, um trabalho artesanal de tornar a palavra “visível”, numa arena cujo objetivo maior é o de emocionar a plateia, tirar o público da passividade, seja pelo humor, horror, caos, doçura e outras tantas sensações.

NOVELLI, G. Poesia incorporada. Revista *Contínente*, n. 189, set. 2016 (adaptado).

Na prática artística mencionada no texto, o corpo assume papel de destaque ao articular diferentes linguagens com o intuito de

- A** imprimir ritmo e visibilidade à expressão poética.
- B** redefinir o espaço de circulação da poesia urbana.
- C** estimular produções autorais de usuários de Libras.
- D** traduzir expressões verbais para a língua de sinais.
- E** proporcionar performances estéticas de pessoas surdas.

9.6 Alegria crítica: rítmica, lúdica e erótica

Uma linguagem construída por uma postura feminina alegre, lutadora, insurgente seria uma resposta à lógica binária e opositiva, produzindo possibilidades inesperadas, como desenvolve Judith Butler nesta passagem:

No livro *Excitable speech - a politics of the performative* Butler começa afirmando que a linguagem pode ferir, pois somos seres de linguagem. (...) De que ferida se trata? Da injúria, quando chamamos alguém por um nome feio, ou por meio de um insulto, de um bullying, ou quando o enunciado é racista. Quando alguém é insultado, resulta menosprezado e degradado. (...) Se por um lado, a locução aviltante fixa ou paralisa aquele a quem se dirige, pode, por outro, “produzir uma resposta inesperada que abre possibilidades”. (BUTLER, 2009, p. 16 apud PRADO, 2016, p. 17)

Representando o Slam da Norte, no Slam SP, mas frequentador do Slam Marginália, a performance da pessoa não-binária trans masculina Carú de Paula trouxe ricas variações rítmicas, lúdicas e eróticas no poema que apresentou na semifinal:

E eu gozo palavra
E eu gozo desejo
E eu gozo, eu gozo, sorriso
E eu gozo aquilo que eu te causo
Eu gozo aquilo que eu danço aquilo que faço
Aquilo que eu desejo e aquilo que eu também nem canto
Porque eu na verdade não canto, eu na verdade encanto
E se você não sabia disso, prazer, prazer, muito prazer
Eu sei que o meu sorriso ele é...
Talvez um desencanto para aquele que me odeia
Talvez aquele desejo de quem me ama
Sabe o que que é? É que eu cansei, eu cansei
Eu quero falar de se “aquilombar”
Já diria Tati Nascimento, pra quem não conhece, vai lá
É que eu queria contar pra vocês
que o que junta aqueles corpos magnéticos inteiros na
Cracolândia
Não é o crack, não é o crack
É o desejo de pertencimento, de tá junto
e eu sei tem sofrimento
Mas é que eu quero correr com os meus
Para onde a sua angústia não cabe
É que eu sou puro desejo, eu sou puro tesão
Eu sou tudo aquilo que me cabe
Eu sou tudo aquilo que me tange
Eu sou tudo aquilo que me goza
E que meu corpo também é 70% gozo
E os outros 30%, os outros 30%
Paixão

E os outros 30% quer acabar com o ódio
os outros 30% quer acabar te fazer sorrir
os outros 30% quer te ver gozar
E não é com a culpa branca
E os outros 30%, cansado
Porque os 70% quer te ver conquistar o mundo
70% não quer mais a culpa branca te comendo a mente
É que os meus 70% quero que se torne os 70% do corpo de
cada um de vocês
E que a gente pare
E que a gente pare de usar o nosso “toda raiva”
Raiva tem lugar, mas muito mais do que a raiva
Tem o desejo de crescer
Tem o desejo de ser inteiro
Porque eu quero o povo preto livre
Porque eu quero o povo indígena livre
Porque eu quero o povo trans livre
E já passou do tempo de ver
Lágrima de sangue
O tempo de hoje é de conquistar tudo
E quem quiser vir comigo a gente se aquilomba
Quem quiser vir comigo, a gente se aquilomba
Quem quiser vir comigo, a gente cria o novo e...
Goza!
Eu não sei se eu toquei vocês hoje
Eu não sei se os ouvidos de vocês conseguiram entender hoje
Mas eu espero que sim, mas mais do que isso
Eu espero que cada corpo aqui
No dia de hoje não se sinta mal por gozar
Eu espero que cada corpo aqui hoje
Não se sinta mal por gozar



Fonte: Registro da autora. **Carú de Paula na semifinal do Slam SP 2019**²⁹

²⁹ Gravação da apresentação de Carú de Paula. Produzida por Carolina Vidal. Disponível em: <https://youtu.be/dN98SGIg7Rg>. Acesso em: 23/11/19.

Após essa breve e preliminar análise de algumas características do slam, é possível trilhar alguns caminhos teóricos a fim de identificar as potências artísticas e políticas da poesia performada por mulheres nos slams, que é o foco de estudo dessa pesquisa. Na apresentação do livro **Vozes Plurais: Filosofia da expressão vocal** (2011) de Adriana Cavarero, o tradutor Flavio Terrigno Barbeitas resume:

A filosofia da expressão vocal, aqui proposta, enfrenta o tema da voz naquilo que ele apresenta de mais valioso – ao mesmo tempo que é o aspecto sistematicamente ignorado pelas várias correntes teóricas que sobre ele vêm se debruçando desde o século XX: o fato de que cada voz é única, singular, capaz justamente de desvelar o ser também único, em carne e osso, que a emite. (BARBEITAS in CAVARERO, 2011, p. 9)

Em um cenário cultural e social complexo, percebo que, no geral, o slam é uma oportunidade de ocupar os espaços da cidade em uma festa poética com alegria crítica. Mikhail Bakhtin foi mencionado em uma de minhas orientações com o Prof. Amálio Pinheiro:

A vantagem do humor, do alegre sobre o sério, é que o sério para existir ele precisa eliminar o humor. Então ele já é monológico porque ele convive com a própria seriedade. Ao passo que o humor conta com o sério para se expandir. Ele faz a crítica/acusação faz a crítica do sério. Sua capacidade de crítica é maior porque ele inclui o criticado e não procura excluí-lo (matando, desconsiderando-o como ser humano). O riso é polifônico. A seriedade, por mais razão que ela tenha, é monológica. A seriedade serve muito menos à poesia do que o humor (não é necessário que se ria).³⁰

A alegria crítica está presente no slam, na expressividade feminina das poetisas mulheres, no modo em que performatizam com suas vozes e corpos, na forma de rimar, na dança, no canto. A alegria insurgente brasileira está no slam ao ocupar a rua, o espaço público, com arte, festa, poesia, música e gritos que se misturam aos sons da cidade.

Observo a potência dessa manifestação que se organiza por coletivos em comunidades periféricas, agregando centenas de pessoas presencialmente (e milhões virtualmente), promovendo espaços de acolhimento e estímulo à expressão (perder a vergonha de pegar em um microfone e botar para fora suas ideias). Nesse ponto, os coletivos formados com recortes, como o Slam das Minas, o Slam Marginália e o Slam do Corpo, configuram respiro e acolhimento em meio a uma sociedade padronizante que exclui e oprime mulheres, trans, pessoas com deficiência. Há muitos relatos de cura da depressão pela poesia.

O slam como uma rede mundial, organizada em forma de campeonato e ganhando

³⁰ Conceitos elaborados durante orientação da minha dissertação de mestrado, com o Prof. Amálio Pinheiro em 11/11/19.

visibilidade, resulta em uma real possibilidade para pessoas periféricas sobreviverem de sua arte, produzindo publicações independentes, se apresentando, participando de debates, dando oficinas.

Nosso trabalho é isso. É troca com as pessoas né. E pra mim é gratificante. Porque todo dia eu me curo, eu me sinto curada, quando eu consigo pagar - eu sustento duas famílias com meu trabalho. A minha porque eu casei, a minha família e os meus pais na Bahia, então eu tenho que trabalhar dobrado. E é isso. Eu consigo viver, mas não é fácil.³¹

O slam não tem dono, suas regras são *copyleft*, qualquer pessoa pode organizar um. Isso facilita e estimula sua expansão. Emerson Alcalde e Cristina Assunção, do Slam da Guilhermina, organizam o Slam Interescolar de São Paulo³². O que pode insurgir dessas crianças poetas que já participam de slams? Sentiremos os efeitos em um futuro próximo.



Fonte: Sérgio Silva. Slam Interescolar SP - categoria Ensino Fundamental II. Centro Cultural da Juventude. 13 de novembro de 2019.

³¹ MEIRA, 2019

³² "Slam de Poesias Interescolar de São Paulo. Campeonato de poesias faladas entre alunos representantes de escolas do estado de São Paulo. Para participar e representar a escola o aluno precisa ter no mínimo 3 poesias autorais que não ultrapassem 3 minutos de duração, participar do Slam Escolar (organizados nas escolas inscritas) e estar entre os dois finalistas. Organização Coletivo Slam da Guilhermina." Descrição na página do Slam Interescolar SP no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/slaminterescolarsp/about>>. Acesso em: 25/11/19.

10. LA BESTIA DE LA SOMBRA: A POTÊNCIA DA MULTIDÃO QUEER NA POESIA DO SLAM

*Resistir ao estereótipo da
resistência também é resistir!*

Tatiana Nascimento

Neste capítulo, reflito sobre o aspecto anárquico de uma transformação como a da lagarta em borboleta³³: em uma existência, ser dois seres distintos, questionar o Antropocentrismo e mergulhar em cosmologias e visões de mundo não ocidentais para além da heteronormatividade, masculina e hegemônica.

Por volta de 2015, o Slam me atravessou enquanto manifestação artística, urbana, poética e política, especialmente o protagonismo crescente das mulheres poetas. A potência dessa reunião de corpos jovens que convivem, se escutam e, por meio da poesia e da performance, declamam textos autorais sobre suas experiências vividas, ressoou em mim como nenhuma outra forma de arte.

Em busca de uma ponte com a minha trajetória acadêmica, encontrei nos estudos feministas e de gênero um caminho de diálogo com minhas inquietações e incômodos de "estar sem pertencer" em um mundo acadêmico masculino, branco e eurocêntrico. Me interessa a voz ativa, a possibilidade de ser ouvida por uma plateia, sendo sincera, e transmitindo o que precisa ser dito, o que os discursos hegemônicos silenciam e desqualificam.

10.1 I made the choice to be queer

*Soy una tortuga, allá donde voy
llevo mi «hogar» en mi espalda.*

Gloria Anzaldúa

No livro **Otras Inapropiables - Feminismos desde las fronteras** (2004), o capítulo que a escritora e ativista *chicana* Gloria Anzaldúa escreve, *Movimientos de rebeldía y las culturas que traicionan*, ressaltou "los intersticios, los espacios entre los diferentes mundos que habita" (ANZALDÚA, 2004, p. 78). Tenho percebido, nesta fase do projeto, que a potência desses encontros pela poesia está nos espaços entre as palavras, entre as pessoas, entre vozes, entre tons de pele, entre sexualidades.

³³ COCCIA, 2020.

Siendo lesbiana y creciendo católica, adocinada como heterosexual, *I made the choice to be queer* — para algunos esto es genéticamente inherente. Es un camino interesante que se desliza continuamente dentro y fuera de lo blanco, de lo católico, lo mexicano, lo indígena, los instintos. Dentro y fuera de mi cabeza. (Idem, p. 76)

O *queer*, então, se articula com a queerlombamento na visão da poeta Tatiana Nascimento, fundadora do primeiro Slam das Minas do Distrito Federal. O termo aparece pela primeira vez em seu poema Marabô:

marabô
achei (que) você, (estava numa) encruzilhada
(devanei(gr)os desde meu cuérlombismo)³⁴

Nascimento desenvolve a ideia de cuérlombismo como um momento de reconstrução da própria história:

Assim, surge a articulação do queerlombismo, depois do cuérlombismo, como a queerlombamento, nesse processo de nos construirmos pela ou a partir da palavra como queerlombo / cuírlombo, onde nos rearmamos (se) e recriamos (se) através das palavras e compartilhar entre eles é um fazer mítico no sentido mais fundamental do termo. Assim, nos reinventamos não apenas a despeito do silenciamento colonial heterocissexualizado, mas contra ele. E o que é mais importante para mim, ainda, é que o façamos a partir de nossas próprias narrativas ancestrais, desenterradas da memória que guardam as histórias mal contadas, floridas na angústia que nossos corpos e desejos brotam. Trata-se de reorganizar nossa própria história, nossa própria narrativa, nossa própria subjetividade, nas bases ancestrais negras da dissidência sexual.³⁵

Tatiana Nascimento evoca Audre Lorde para falar sobre a potência da poesia: "quando leio "poesia não é luxo", de audre lorde, as palavras dela alimentam esse desejo meu de pensar literatura negra lgbtqi como esse espaço da experimentação, da criatividade, do inusitado/inesperado, visionário, (afro)futurista".³⁶

Retornando ao ponto mencionado no início, sobre o título da minha dissertação ser **As Mulheres no Slam: Poesia, Feminismos e Insurgência**, me deparo com um segundo processo de desconstrução e reformulação. O primeiro sendo o deslocamento da atenção do significado dos poemas para as relações entre os diversos elementos que compõem um Slam, os *interstícios*, citando Anzaldúa. O segundo momento, este que vivo agora, questiona a ideia de direcionar a análise para a produção das mulheres. Neste ponto, em que me encontro,

³⁴ NASCIMENTO, 2017, s/p.

³⁵ _____, 2018, s/p.

³⁶ _____, 2018, s/p.

percebo que após o desenvolvimento das teorias queers, o conceito de gênero, homem e mulher, esbarra nos limites da lógica binária.

No ensaio *Multidões queer: notas para uma política dos "anormais"* (2011), Paul Preciado, que à ocasião ainda assinava como Beatriz Preciado, levanta as estratégias ao mesmo tempo hiperidentitárias e pós-identitárias dos corpos queer:

É preciso admitir que os corpos não são mais dóceis "Desidentificação" (para retomar a formulação de De Lauretis), identificações estratégicas, desvios das tecnologias do corpo e desontologização do sujeito da política sexual são algumas das estratégias políticas das multidões queer. Desidentificação surge das "sapatas" que não são mulheres, das bichas que não são homens, das trans que não são homens nem mulheres. (PRECIADO, 2011, s/p)

Carú de Paula é poeta da cena do Slam e, em 2019, filmei sua performance no campeonato Slam SP. Em um momento inicial da minha dissertação, ressalté as ricas variações rítmicas, lúdicas e eróticas no poema que apresentou. Em 2020, entrei em contato com ele e conversamos sobre eu citá-lo em um trabalho que se propõe a falar sobre mulheres. Da conversa por áudio de Whatsapp, destaco o seguinte trecho:

Se te toca, se te atravessa e atravessa teu trabalho e te faz sentir de estar lá, acho que tem que estar lá, isso é uma coisa. A outra coisa é que eu acho que assim, na verdade, eu sou uma pessoa não-binária (risos) trans-masculina, então, tanto que eu venho pensando muito e de uma certa forma produzindo, sobre justamente essa construção dessa masculinidade que não é "homem", sabe? Essa masculinidade que diz outra coisa, tá em outros corpos. (...) Venho construindo masculinidades que vão na contra-mão, para outros caminhos que não necessariamente atrelados à hegemônica e eu acho que isso é uma potência, sem dúvida, e que muitas feminilidades também produzem e tensionam também no mesmo caminho. A questão, justamente, pra mim, vem sendo dizer que existem essas masculinidades que fazem essas oposições e que podem criar outros possíveis tão potentes e latentes quanto podem as feminilidades. Até porque eu também entendo que existem feminilidades hegemônicas que são tão paralisantes e que podem ser tão violentas quanto algumas masculinidades hegemônicas. Lógico que em proporções a depender dos corpos envolvidos, mas também há uma hegemonia, pelo menos no que eu venho entendendo. Então, quando for me referenciar no trabalho, enquanto um corpo trans-masculino, essa produção advém de um corpo trans-masculino (...), eu te perguntaria se você está falando sobre mulheres ou sobre feminilidades, que são coisas diferentes. Eu entendo diferentes. (...) Até porque de certa forma eu também tenho feminilidades, entende? Eu fiquei pensando nisso, não é uma coisa que não me atravessa, não é uma coisa que não diz do meu corpo, é que não diz num lugar estrutural social, não tenho o interesse de ocupar o lugar de uma mulher nesse mundo, assim como eu também não tenho interesse de ocupar um lugar de um homem (risos). Não sei se eu te deixei mais confusa, mas espero que eu tenha ajudado.

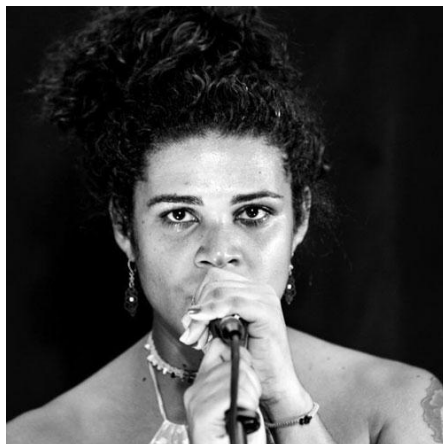


Carú de Paula. Foto de sua conta no Instagram.

A conversa acima me fez refletir em mais profundidade sobre as construções de masculinidade e feminilidade e da divisão naturalizada de homem e mulher. O poema de Carú me atravessou, assim como o poema de Kika Sena, que se autodefine: "Sereia vulcânica atlântica aflita", atravessa Tatiana Nascimento:

não mexe
não mexe
não mexe
não mexe comigo não...

que à dor
à dor
à dor
à dor
eu sei reagir.³⁷



Fonte: Janine Moraes. **Kika Sena.**

³⁷ SENA, Kika *apud* NASCIMENTO, 2018.

Na visão de Nascimento, os versos de Kika Sena são:

(...) alguns versos-chave que me ajudam a entender melhor a responsabilidade e o desafio da nossa produção literária da diáspora e da dissidência sexual na desconstrução/desmonte daqueles dois pilares de opressão: hiperheterocissexualização e silenciamento, pensando essa articulação queerlombista que é de resistência e reconstrução. (NASCIMENTO, 2018, s/p)

Percebo como essa *hiperheterocissexualização* se reflete na escolha do meu título e como Preciado ajuda na compreensão deste incômodo:

o conceito de "gênero" é, antes de tudo, uma noção sexopolítica, mesmo antes de se tornar uma ferramenta teórica do feminismo americano. Não é por acaso que, nos anos 1980, no debate entre feministas "construtivistas" e feministas "essencialistas", a noção de "gênero" tornarse-ia o instrumento teórico fundamental para conceitualizar a construção social, a fabricação histórica e cultural da diferença sexual, diante da reivindicação da "feminilidade" como substrato natural, como forma de uma verdade ontológica. O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros. A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se queer. (PRECIADO, 2011, s/p)

Provoco aqui um possível diálogo entre a potência das monstras (como são chamadas *slammers* que se destacam), o monstro sexual da multidão queer e la Bestia de la Sombra, a qual Anzaldúa traz, aprofundando na desterritorialização e do afeto:

Intentamos hacernos conscientes de la Bestia de la Sombra, enfrentarnos a la lujuria sexual y a la lujuria por el poder y la destrucción que vemos en su rostro, discernir de entre sus rasgos la sombra que el orden reinante de los varones heterosexuales proyecta sobre nuestra Bestia. Sin embargo, otras damos otro paso: intentamos despertar a la Bestia de la Sombra que hay en nuestro interior. No muchas saltan de alegría ante la posibilidad de enfrentarse en el espejo con la Bestia de la Sombra sin acobardarse ante sus ojos de serpiente sin párpados, su fría y húmeda mano de almeja que nos arrastra bajo tierra, los colmillos obstruidos y siseando. ¿Cómo poner alas a esta particular serpiente? Pero algunas de nosotras hemos tenido suerte —en el rostro de la Bestia de la Sombra no hemos visto lujuria sino ternura; en su rostro hemos desenmascarado la mentira. (ANZALDÚA, 2004, p. 77).³⁸

³⁸ Tentamos nos fazer conscientes da Besta da Sombra, enfrentar a luxúria sexual e a luxúria por poder e destruição que vemos em seu rosto, discernir entre suas feições a sombra que a ordem reinante de machos heterossexuais projeta em nossa Besta. No entanto, outras damos outro passo: tentamos despertar a Besta da Sombra que há em nosso interior. Poucas vibram de alegria com a perspectiva de enfrentar a Besta da Sombra no espelho sem se acovardar diante de seus olhos de serpente sem pálpebras, sua mão fria e úmida de marisco que nos arrasta para debaixo da terra, as presas obstruídas e sibilando. Como colocar asas a esta particular serpente? Mas algumas de nós tiveram sorte - na face da Besta da Sombra não vimos luxúria, mas ternura; em seu rosto, desmascaramos a mentira. (ANZALDÚA, 2004, p. 77, tradução da autora)

Vejo o ato de escrever e declamar uma poesia como um processo de despertar la Bestia de la Sombra - essa busca de desmascarar as mentiras, tanto externas (da sociedade), como internas (a respeito de si), desabafar as dores e experiências vividas, dar voz e autoridade a narrativas potentes e transgressoras, lutando e resignificando espaços entre o ambiente sexopolítico. Acrescento à comparação minha própria experiência, escrevendo esta dissertação e questionando não só os conceitos epistemológicos usados como articulação em meus textos, mas os meus próprios textos internos de construção identitária e de construção de relação com poetas e poemas que atravessam esse caminho.

11. O DOCUMENTÁRIO MINAS NO SLAM

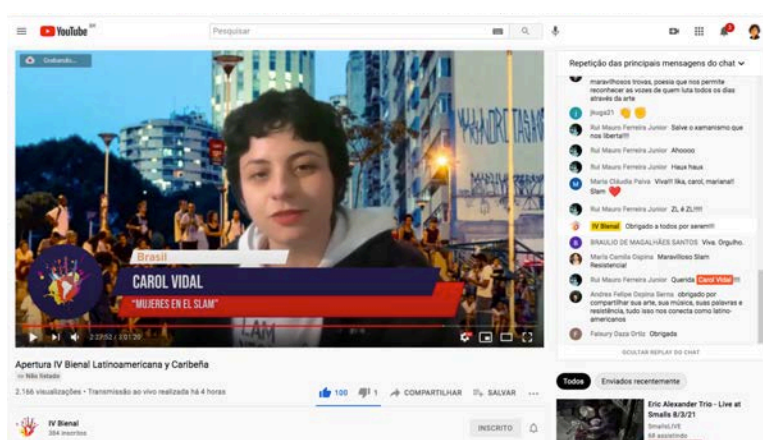
O documentário Minas no Slam apresenta um panorama das mulheres atuantes na cena dos slams, a partir dos processos que marcam a construção desse movimento artístico no contexto da cidade de São Paulo. Com enfoque no efeito transformador e libertador da poesia na vida dessas mulheres. O primeiro projeto do filme Minas no Slam surgiu em 2019 e foi estruturado quando eu, Lika Rosa e a Yan Comunicação resolvemos enviá-lo para concorrer ao edital ProAC daquele ano. A partir da minha pesquisa no mestrado, o filme tinha o objetivo de contar e acompanhar a rotina de mulheres slammers e organizadoras de slam. Em princípio, as convidadas para o filme foram as poetisas Sabrina Lopes, Mariana Felix, Carol Peixoto, Patrícia Meira, Larissa Gonçalves, Stela Silva, Cleusa Santos, Tawane Theodoro e as slammasters Cristina Assunção e Dani Nega. A equipe do filme era composta por mim, Carolina Vidal, na direção, Jéssica Staque (roteirista), Larissa Maia Reis (diretora de fotografia), Ariane Aboboreira (pesquisadora), Livia Almendary (distribuição), Roberta Estrela D'Alva (consultoria de roteiro e projeto) e Brisa Flow (trilha-sonora original). A pandemia de Covid-19 que decretou quarentena a partir de março de 2020 modificou radicalmente o dia a dia de todos e o projeto sofreu muitas alterações. O filme **Minas no Slam**³⁹ se tornou por enquanto, um curta-documentário, feito a partir de entrevistas e dados pela coletadas pela autora e imagens de arquivo.

Em outubro e novembro de 2021, no momento em que finalizo essa dissertação, com a maior parte da população vacinada com as duas doses, os eventos presenciais estão

³⁹ Versão de 5 minutos do filme Minas no Slam. Disponível em: <<http://bit.ly/minasnoslam>>. Acesso em 27 de outubro de 2021.

retornando, como o Slam da Guilhermina e o Slam Resistência. A versão mais longa do filme poderá então contar com cenas produzidas a partir desse momento de retomada.




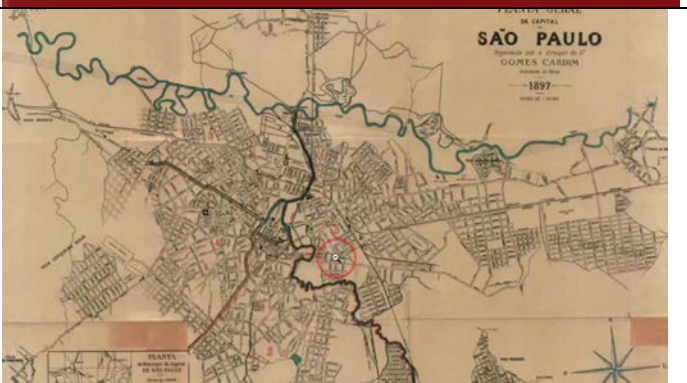
A primeira vez que a versão de cinco minutos do filme foi exibida em público foi na Abertura da IV Bienal Latinoamericana y Caribeña en Primera Infancia, Niñez y Juventud Desigualdades, diversidades y desplazamientos (CLACSO). Após a fala inaugural do evento, de Boaventura de Sousa Santos, organizamos junto ao Slam Resistência uma performance online de poesia falada com Mariana Felix, interpretação em espanhol de André Ascarelli e depoimentos de Lika Rosa, eu, Carol Vidal e a coordenadora do grupo de pesquisa Jovens Urbanos, Silvia Borelli. Esta apresentação precedeu a exibição do filme **Minas no Slam**.




Fonte: canal de youtube da IV Bienal. **Abertura da IV Bienal Latinoamericana y Caribeña en Primera Infancia, Niñez y Juventud Desigualdades, diversidades y desplazamientos (CLACSO).**

11.1 Estrutura do documentário

O documentário Minas no Slam busca uma aproximação visual com conceitos e metáforas discutidos na dissertação como arquipélago, relação com a cidade, o espaço urbano e suas vidas pulsantes, gestos, performance e voz. A seguir, um quadro com a escaleta do roteiro preliminar.

<p>CENA 01 - introdução</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>palavras bairros fluxo sanguíneo ruas encontros arquipélago</p>	
<p>CENA 02 - introdução</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>nomes minas câmera lenta vozes somadas montagem sonora</p>	 <p>AFRODESCENDENTE CARLI DE PAULA GÊNESIS KIMIMI ALINE AMARAL CRISTAL ROCHA GISELAINE REIS KING ANNA STAV DAL FARPA HELENA LARI NUNES AYO LIMA DANI NEGA INGRID MARTINS LARISSA BELL PIZA DANIELLE ALMEIDA IZA BEYS GONCALVES BIXO PTE DÉBORA GARCIA JADE QUEBRA LARISSA BOB BLYE DEPSI JAMILLE BRUNCEIÇÃO BRUNA BIAPA ELIZABETH JAQUELINE ALVES LETICIA BRITO CA JOTA SUZANA JÉSSICA CAMPOS LIA ROSA CAROL PEIXOTO SABI NYRRAI JETAKIS LILIAN APAREJO CAROLINA GABRIELLE JULIANA JESUS LIVIA PLUS BOLÍVIA MARTINS KATLIN ADRIANE SALES</p>
<p>CENA 03 - título</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>minas no slam drone sobrevoando a o trilho do trem na Zona Leste</p>	
<p>CENA 04 - início</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>feto espaço cidade crescendo pulso sanguíneo</p>	

<p>CENA 05 - tema 1 voz/emoção</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>montagem gestos mulheres movimentos sobrepostos com trilha intensa</p>	
<p>CENA 06 - tema 1 arte poesia no slam</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>voz off das entrevistadas Lika Rosa, Mariana Felix e Cris Assunção</p> <p>cenas de poetas declamando</p>	
<p>CENA 07 - tema 1 - ser poeta festa, slammaster</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>voz off das entrevistadas Lika Rosa, Mariana Felix e Cris Assunção</p> <p>slam acontecendo público gritos público</p>	
<p>CENA 08 - transição</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>citação voz emoção Mariana Felix declamando um poema</p>	

CENA 09 - tema 2 - encontros / slam de rua

conceitos audiovisuais:

voz off das entrevistadas Lika Rosa, Mariana Felix e Cris Assunção
imagens da rua, transeuntes aleatórios
Slam da Guilhermina + Slam Resistência na Praça Roosevelt, Slam Marginalia, Slam do Bronx



CENA 10 - tema 2 - multiplicação

conceitos audiovisuais:

depoimento de Lika Rosa sobre influência da Cia Estável e cena incipiente dos Saraus



CENA 11 - tema 2 interescolar, formação

conceitos audiovisuais:

depoimento de Cris Assunção sobre a criação do Slam Interescolar
foto Slam Interescolar SP, edição novembro de 2019 no Centro Cultural da Juventude, na Vila Nova Cahoeirinha, Zona Norte. Foto de Sérgio Silva.
poetas novos,
nova geração



CENA 12 - transição

conceitos audiovisuais:

citação, ação política



<p>CENA 13 - tema 3 ação política</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>depoimentos das entrevistadas Lika Rosa, Mariana Felix e Cris Assunção cena da intervenção da polícia no Slam Resistência. Vídeo de Daniel GTR.</p>	
<p>CENA 14 - tema 3 feminismo</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>poetas declamando voz off das entrevistadas Lika Rosa, Mariana Felix e Cris Assunção citações trechos feministas</p>	
<p>CENA 15 - tema 3 fomentos políticas linha do tempo</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>gráficos depoimentos das entrevistadas Lika Rosa e Cris Assunção</p>	
<p>CENA 16 - transição</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>mapas, expansão do slam</p>	

CENA 17 - tema 4 Slam no Brasil

conceitos audiovisuais:

poetas fora de SP
cenas Slam BR
Slam Dandaras do Norte em Belém do Pará



CENA 18 - tema slam como cura

conceitos audiovisuais:

cenas Praça Roosevelt
encontros, gestos
laroyê
exu pombogira umbanda



CENA 19 - tema 4 encontros com outras artes, formatos




conceitos audiovisuais:

Cenas de apresentações musicais no Slam Resistência



CENA 20 transição para o final



<p>CENA 21 - final slam online mundo</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>cenas na yan / voz sabrina depoimentos das entrevistadas Lika Rosa, Mariana Felix e Cris Assunção sobre a pandemia</p>	
<p>CENA 22 - hino do resistência</p> <p>conceitos audiovisuais:</p> <p>final com poesia</p>	
<p>CENA 23 créditos</p>	

Fonte: Elaborado pela autora. **Quadro 2: escaleta do filme Minas no Slam.**

12. COPA DAS FAVELAS - SLAM

12.1 A pandemia e o slam online

O projeto Copa das Favelas Slam foi concebido por Lika Rosa, Mariana Felix e Patricia Meira. Em 2021 foi aprovado na 5ª edição Lei de Fomento à Periferia da Secretaria Municipal de Cultura. Tem como objetivo geral realizar a primeira Copa Sul América de Poesia, com atividades culturais e artísticas promovidas por grupos e coletivos de diferentes regiões, durante o período de vinte quatro meses, fomentando a produção cultural periférica e ampliando o conhecimento e acesso da população ao futuro evento com intercâmbio das regiões e coletivos de Slams. Além disso busca apoiar lideranças fomentadores da produção cultural periférica e que com a poesia ampliam o conhecimento e o acesso da população, além de promover formação cultural gratuita ao público.

Por meio de reuniões mensais, a Copa das Favelas busca potencializar o diálogo com os vinte núcleos dos Slams para organização de eventos e oficinas. Entre as atividades estão o Mapeamento dos órgãos institucionais parceiros interessados no projeto. Estruturar formações e o escoamento, em condições minimamente adequadas, da produção artística local, principalmente em territórios vulneráveis das periferias; potencializar as atividades dos Slams e Slammers das Periferias de São Paulo abrangendo São Miguel Paulista, Ermelino Matarazzo, Grajaú, Capão Redondo e outras áreas de atuação dos Slams inscritos para participarem do projeto. Fomentar a troca intercambiável e participação popular na construção de acesso à literatura na cidade. Produção de um livro, a primeira antologia poética com poesias dos/as escritores/as e alunos/as envolvidos/as no projeto como forma de registro e divulgação do intercâmbio cultural proporcionado pelo encontro da primeira Copa Latina organizado por mulheres poetisas e slammers e slamsmasters.

Inclusão de pessoas com necessidades especiais na cena de Slams, através da acessibilidade prevista em projeto. Assessoria e fomento a três novos slams, na categoria Laboratório Slam:, Slam Parem de Nos Matar e Slam Fecha com as Sistahs e o Slam Interuni, criado por mim e Lika Rosa.

12.2 Slam do Real - participação como poeta

Em maio e agosto participei como poeta da competição do Slam do Real, slam organizado por MC Cérebro IDP, Manu IDP e MC Gallo IDP. O Slam tinha suas edições presenciais na comunidade do Real Parque, Zona Sul de São Paulo.

*Correr no real - TOPEI
escrever essa rimas - TOPEI
declamar - TROPECEI
me gravar - TROPECEI*

*admirar você - TOPEI
enfrentar timidez - TROPECEI
desenhar, assuntar - TOPEI
Encontrar, abraçar, escutar - TOPEI*

*Pandemia - TROPECEI
Vida online SURTEI
foi o jeito de acontecer*

*Caminhar pelas ruas - TOPEI
liberdade, GRITEI
no amor TOPEI e nele fiquei*

*Acreditar, transformar - TOPEI
na novela política - TROPECEI
nos corpos de luta - SUEI
nas veias das vidas - VOEI
nas linhas escritas - EMARANHEI*

*Com a cantoria das vozes - CANTEI
Com o couro do tambor - VIBREI
Com os pés no chão - DANCEI*

*Esse poema que eu CRIEI
se fará sentido não SEI
se um dia de novo DECLAMAREI
se um dia de novo ABRAÇAREI
se o calor dos encontros eu SENTIREI
se aplausos ou vaias eu OUVIREI*

Autoria: Carol Vidal. Poema apresentado na 1ª edição do Slam do Real em 2021.





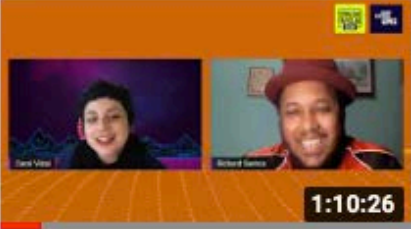



Fonte: Canal de youtube Slam do Real. **Participação em três edições do Slam do Real como slammer.**

12.3 A Poesia nos Une! Slam Interuni

O Slam Interuni integra a Copa das Favelas Slam - Campeonato internacional de poesia falada que tem realização do Slam Resistência e foi contemplado pelo 5º Fomento à Periferia, da Prefeitura de São Paulo. O Slam Interuni foi criado por mim, Carol Vidal e Lika Rosa, na categoria Laboratório Slam do projeto Copa das Favelas, que promoveu o apoio necessário a três novos slams: Slam Interuni, Slam Parem de Nos Matar e Slam Fecha com as Sistahs.

O Slam Interuni está aberto para todos os estilos de poesia e públicos e tem como conceito aproximar a cena do slam e da literatura periférica das universidades e vice-versa. O slam teve início em maio de 2021 e está na sua 5ª edição. Sua periodicidade é mensal, toda penúltima segunda-feira do mês, às 20h, acontece uma transmissão ao vivo no canal de youtube do Slam Interuni. Nesta live são exibidos os vídeos que as/os poetas enviaram e ficaram para votação por uma semana, os pontos são contabilizados pelo número de curtidas no instagram e youtube. São exibidos também vídeos artísticos fora da competição e a maior parte do programa é uma entrevista com pessoas da cena do slam e pesquisadores/as do ambiente acadêmico.

		
<p>25/10 - Slam Interuni - 6ª ed. Convidades: Midria e...</p> <p>167 visualizações • Transmitido há 3 dias</p>	<p>Slam InterUni - 5ª ed. Convidades: Livia...</p> <p>64 visualizações • Transmitido há 1 mês</p>	<p>Slam InterUni - 4ª ed. Convidada: Tatiana...</p> <p>104 visualizações • Transmitido há 2 meses</p>
		
<p>Slam InterUni - 3ª ed. Convidado: Fabiano Roxo</p> <p>36 visualizações • Transmitido há 3 meses</p>	<p>Slam InterUni - 2ª ed. Convidado: Richard Santos</p> <p>66 visualizações • Transmitido há 4 meses</p>	<p>Slam InterUni - 1ª ed. Convidada: Silvia Borelli</p> <p>112 visualizações • Transmitido há 5 meses</p>

Fonte: Canal de youtube do Slam Interuni. **As seis edições do Slam Interuni.**

Edição	Entrevista com	Poetas	Vencedor(a)	Videoarte
#1 maio	Silvia H. S. Borelli	Maria Fernanda Lopes (SP) Aline Maciel (SC) GPS Veras (SP) Nicole Amaral (SP)	GPS Veras	Mara Lafourcade Rayel (SP)
#2 junho	Richard Santos	Dubang (SP) Poeta de Papel (ANG) Luiza Lustosa (SP) Bicha Poeta (BA) Jazz (AL) Ozazuma (RJ)	Dubang	André Ascarelli (SP) Mara Lafourcade Rayel (SP)
#3 julho	Fabiano Roxo	Poeta Revolução (SP) Igor Braz (MG) Poeta de Papel (ANG)	Poeta Rebelião	Igor Braz + Sararau Criolo (MG)
#4 agosto	Tatiana Nascimento	Igor Braz (MG) Dubang (SP) GPS Veras (SP) Poeta Revolução (SP) Poeta de Papel (ANG) Nicole Amaral (SP)	Igor Braz	Tatiana Nascimento (DF)
#5 setembro	Livia Almendary + Charles Pereira	Igor Braz (MG) Dubang (SP) GPS Veras (SP) Poeta Revolução (SP)	Poeta Rebelião	Ian Herman (SP)
#6 outubro	Thiago Venanzoni + Midria	Igor Braz (MG) Dubang (SP) Luiza Lustosa (SP) Poeta de Papel (ANG) Mariana Felix (SP)	Luiza Lustosa (SP)	Minas no Slam - Filme de Carol Vidal

Fonte: Elaborado pela autora. **Quadro 3: Participantes do Slam Interuni.**

13. TRAVESSIA ENTRE SABERES

13.1 A parceria com o grupo Jovens Urbanos

Em 2020 fui convidada a ministrar a **Oficina de Criação e Edição de Materiais Audiovisuais** para formação dos integrantes do Grupo De Pesquisa Jovens Urbanos da PUC-SP⁴⁰. As oficinas fizeram parte do projeto **Observatório de imagens (OBS-IM. CAPES/PRO-EQ/ 2014): Divulgação científica de narrativas audiovisuais juvenis**. No programa de 16 horas, além do treinamento básico de utilização das ferramentas de edição, discutimos formatos audiovisuais como webdocumentários, podcasts, pílulas para redes sociais. Como base teórica, o grupo apresenta um argumento de José Martin Barbero a respeito do conceito de tecnicidade:

Tecnicidade não é algo que se possa conceber a partir da redutora noção de instrumento: trata-se de reorganizações perceptivas e competências de linguagem. Para além da noção de aparatos (maquinais ou ideológicos) de domínio da natureza/sociedade, a tecnicidade remete-se, hoje, à “comunicação do mundo como imagem”. A discursividade constitutiva da visibilidade permite a emergência de uma nova “figura de razão”: mediação cognitiva de uma nova mescla cérebro/informação e de um novo cenário de “batalha das imagens”. Se já não se escreve e nem se lê como antes é porque tampouco se pode ver ou representar como antes. Estamos diante de uma nova ordem visual – tanto no conhecer, quanto na estética do significar e expressar – a qual as tradições são desviadas, mas não abandonadas, e cuja potência remete à (des)razão de uma modernidade tardia do imaginário e das novas relações que se entrelaçam com as memórias (MARTIN BARBERO, 2000).

Como resultado da oficina, foi desenvolvido o primeiro episódio da web série "Travessias entre saberes: Ciências Sociais nas brechas"⁴¹. No episódio, o grupo de pesquisa Jovens Urbanos se apresenta e fala de seu trabalho na intersecção entre juventudes, cultura e política. E lança uma provocação: "Será que a academia escuta as ruas?"

⁴⁰ O grupo de pesquisa, criado em 2002, integra o Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais (PEPG-PUC-SP) e está vinculado ao Diretório de Pesquisa do CNPq Imagens, metrópoles e culturas juvenis (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2198691420849355>) e, desde 2008, ao Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso), por meio do GT Infâncias e Juventudes. Coordenado pela Profa. Dra. Silvia Helena Simões Borelli.

⁴¹ Episódio 1 - Apresentação do Grupo de Pesquisa Jovens Urbanos. Disponível em: <<http://bit.ly/jovensurbanos>>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.



Fonte: canal de youtube Travessias entre saberes.

Episódio 1 - Apresentação do Grupo de Pesquisa Jovens Urbanos

Concomitantemente com o desenvolvimento do projeto Copa das Favelas e a criação do Slam Interuni, eu e Lika Rosa passamos a fazer parte do grupo de pesquisa e a participar das reuniões, discussões teóricas e seminários. Em 2021, o grupo continuou seu trabalho com o projeto de pesquisa **Ativismos Juvenis Urbanos: Questões Culturais, Migratórias e Étnico Raciais**⁴². A partir da 5ª edição, o Slam Interuni entra como extensão da pesquisa e atuação do grupo, criando em conjunto uma agenda de conversas entre pesquisadores e pessoas envolvidas com a cena do slam. O primeiro encontro foi entre Charles Monteiro, matemático, membro do Slam Resistência, Slam Petisco, Slam do Real, Slam do Real Pro Mundo e Slam de Cordel e Livia Almendary, doutoranda em Pós-Colonialismos pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal, e desenvolve pesquisa sobre documentário e políticas de visibilidade na América Latina. Graduou-se em Jornalismo (PUC-SP) e História (USP), é mestre em Antropologia pela PUC-SP. Integra o grupo de pesquisa "Imagens, metrópoles e culturas juvenis" (CNPq; PEPG em Ciências Sociais/Depto. de Antropologia da PUC-SP; CLACSO).

⁴² O projeto **Ativismos Juvenis Urbanos: Questões Culturais, Migratórias e Étnico Raciais** integra a rede internacional de investigação constituída junto ao Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - GT CLACSO *Infancias y juventudes* (2019-2022) e localizado no eixo *Infancias y juventudes: hegemonías, violencias y prácticas culturales y políticas de resistencia y re-existencia*, no âmbito das contribuições brasileiras. Além de parcerias junto ao GP CNPq *Imagens, metrópoles e culturas juvenis* e ao GP CNPq *Juvenalia* (PPGCOM/ ESPMSP) com o projeto CAPES Pró-Equipamentos N° 011/2014 e PIPEq 2020 (*Plataforma Fluxos. Territorialidades traçadas pelos fluxos cotidianos populacionais na cidade de São Paulo*).

13.2 O diálogo teórico/prático com o grupo de pesquisa

O escopo central da investigação volta-se aos ativismos juvenis na cidade de São Paulo, observando as linguagens e as experiências culturais e políticas a eles associadas, e privilegiando práticas culturais e resistências atinentes a questões migratórias e étnico-raciais, especificamente e em suas interseccionalidades. A meta apresenta, ainda, um caráter contingencial – mas nem por isso, menos estrutural e de longa duração – de inclusão das ações desses jovens ativistas no contexto da pandemia global da Covid 19. Segundo o projeto de pesquisa, a base teórica do grupo de pesquisa está alinhada a perspectivas decoloniais e filia-se à tradição de pesquisas latino-americanas sobre as juventudes que buscam analisar perspectivas autorais e autogestionárias, ou seja, direcionadas às formas de apresentação e presença protagonizadas pelos jovens, e menos às representações sobre eles produzidas. Também assumimos, como marco reflexivo nuclear, as bibliografias concernentes à articulação entre cultura e política, e aquelas produzidas por dissidências étnico-raciais latino-americanas, africanas e afro caribenhas. Agregando repertórios da antropologia e da comunicação, o projeto adota um protocolo metodológico composto de pesquisa teórica, pesquisa documental e pesquisa de campo.

O projeto propõe uma reflexão na relação entre sujeitos investigadores e sujeitos ativistas. Desenvolvemos uma perspectiva de produção intelectual que prevê a interlocução e a produção coletiva em equipe, a horizontalidade da pesquisa e a realização de encontros de sistematização e intercâmbio integrativos. Cabe ressaltar a parceria do coletivo Slam Resistência com o grupo desde 2018 e com o Slam Interuni, desde 2021.

14. CONCLUSÕES

Durante esses dois anos, pude viver a experiência da aproximação de dois mundos que por meio da linguagem atuam artisticamente, politicamente e intelectualmente, o slam e a academia. Buscando a complexificação das relações intercambiáveis pude sentir em meu corpo os estímulos às mudanças, ao crescimento da reflexão e da atuação prática política.

14.1 Como pesquisadora

Percebo que como pesquisadora, questões foram constantemente colocadas como a relação entre sujeitas e não entre sujeito e objeto de estudo. A consciência da violência epistêmica em que algumas vozes são legitimadas pela academia e outras não, seguindo a lógica capitalista, patriarcal, eurocêntrica. A existência de focos e agrupamento de pessoas dentro e fora da academia que potencializam o movimento de mudança e conscientização em direção a uma compreensão mais ampla, decolonial, feminista e antiirracista.

14.2 Como poeta/slammer

Pude sentir na prática a adrenalina de declamar um poema em voz alta para uma plateia, mesmo que para uma câmera como foi meu caso. Pude experimentar no meu corpo as nuances, minúcias e detalhes que compõem uma performance oral. Pude também exercitar uma forma de escrita poética estimulada à não-linearidade e à pluralidade de sentidos e formas sinestésicas (ritmo, movimento, timbre, volume, gesto).

Percebi que a competição no slam geralmente limita-se ao lúdico do jogo, servindo como pretexto para gerar um ambiente de concentração, ainda que descontraído, com o riso, o sensual e o elemento da festa presentes. Portanto, a criação de um ambiente de aquilombamento insurgente e criativo.

14.3 Como slammaster

A figura slammaster se expõe a outras frentes de atuação diferentes das de pesquisadora ou de poeta, slammer. Quem organiza um slam pensa e reflete sobre a criação

de uma linguagem simbólica, visual, enfim, a criação e organização de um ato performático coletivo com público, poetas, organizadores e juradas e jurados. A pessoa que é slammaster detém grande liberdade artística e ao mesmo tempo cria as condições para o encontro e a formação de redes de afeto entre pessoas.

14.4 Como atuante política

Como a vida e o mundo não são lineares nem binários, mas sim um arquipélago de relações intercambiáveis, sou todas essas de cima que busca ao invés de respostas, mais perguntas movedoras. Compreendo que a oralidade, do afeto, da expressão artística, da alegria crítica, da incorporação do riso podem ser ferramentas poderosas para a criação de caminhos de transformação de uma sociedade em que o fascismo ganha força e junto com ele o militarismo, a seriedade e a linearidade das narrativas.

Vejo o slam e principalmente as mulheres no slam como agentes unidas com força criativa e potencialidades capazes de pulverizar focos de insurgência, produção artística e de alegria.

Evoé. Axé. Laroyê!

REFERÊNCIAS

Livros

ALCADE, Emerson (Org). **Empoderamento feminino**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. **Movimientos de rebeldía y las culturas que traicionan** in HOOKS, B. *et al.* *Otras Inapropiables*, Madrid: Traficantes de Sueños, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. Vol. 1 Fatos e mitos Vol. 2 A experiência vivida**. São Paulo: Nova Fronteira, 1980, 3ª edição.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

CAVARERO, Adriana. **Vozes plurais: filosofia da expressão vocal** / Adriana Cavarero: tradução de Flavio Terrigno Barbeitas. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2011

CORRAL, Janaina Azevedo. **As Sete Linhas da Umbanda**. São Paulo, Universo dos Livros, 2010.

CORRAL, Janaina Azevedo. **O Livro da Esquerda na Umbanda**. São Paulo, Universo dos Livros, 2010.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Teatro Hip-hop: a performance poética do ator-MC**. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Novas Subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças**. In Heloisa Buarque de Hollanda (Org.) *Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, págs. 357-368.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das bordas**. Ateliê: São Paulo, 2010.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

FORTES, Carolina. **Tão afiada quanto navalha: a poesia do Slam Marginália**. In Emerge Mag. Disponível em: <https://emergemag.com.br/poesia-afiada-no-slam-marginalia/>. Acesso em: 25/11/19.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GREINER, Christine (Org). **Leituras de Judith Butler**. São Paulo: Annablume do corpo, 2016.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Trad. Stephanie Borges. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MATURANA, Humberto. R; VARDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar. Fundamentos esquecidos do patriarcado à democracia**. Tradução de Humberto Moriotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MORIN, Tania Machado. **Virtuosas e perigosas: as mulheres na Revolução Francesa**. São Paulo: Alameda, 2014.

MURARO, Luisa Muraro. **Sobre La Autoridad Femenina**. trad. Cinta Montagut, in Fina Birulés (ed.), *Filosofia y género. Identidades femeninas*, Pamplona, Pamiela, 1992, págs. 53-63.

NASCIMENTO, Tatiana. **Lundu**. 2a ed. Brasília: Padê Editorial, 2017.

NYE, Andrea. **Teoria Feminista e as Filosofias do Homem**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

PAULA, Carú De. Poema apresentado na semifinal do Slam SP 2019. São Paulo. Gravação feita por Carol Vidal. Disponível em: <<https://youtu.be/dN98SGIg7Rg>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

PINHEIRO, Amálio. **América Latina: Barroco, Cidade, Jornal**. São Paulo: Intermeios, 2013.

PIGNATARI, Decio. **O que é comunicação poética**. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

PORTUGAL, Fernandes. Yorubá: **A língua dos Orisá**. Rio de Janeiro: Pallas, 1989.

PRECIADO, Beatriz. *Multidões queer: notas para uma política dos "anormais"* in Rev. Estud. Fem. vol.19 no.1 Florianópolis jan./abr. 2011

RIBEIRO, Luz. **Espanca**. São Paulo: Quirino Edições, 2017.

SALLES, C. A. **Processo de criação em grupo: diálogos**. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SENA, Kika. Performance do poema Atirea, de Kika Sena para a Batalha Nacional de Poesia Slam BNDES da FLUPP ocorrida em 12 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G5ioLGI2YCo>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

SCOTT, Joan W. **A Cidadã Paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**. Trad. de Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, 1987.

SMITH, Marc Kelly. **Stage a poetry slam**. Napperville: Soucerbooks MediaFusion, 2009.

SOMERS-WILLET, Susan B. A. **The Cultural Politics of Slam Poetry: race, identity and the performance of popular verse in America**. Michigan: The University of Michigan Press, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG. 2010.

STRATTON, Richard; WOZENCRAFT, Kim. **SLAM: The book**. Nova Iorque: Gove Press, 1998.

VÁRIAS AUTORAS. **Mudas: falas são sementes em germinação**. Org. Slam das Minas SP. São Paulo, SP. Conecta Brasil, 2018.

WILLIAMS, Saul. **The dead emcee scrolls: The lost teachings of hip-hop**. Nova Iorque: MTV Books, 2006.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: A “literatura” medieval**. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat; Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Performance, Recepção, Leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São

Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Teses

FREITAS, Daniela Silva de. **Ensaio sobre o rap e o slam na São Paulo contemporânea**. 2018. Tese (Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NASCIMENTO, Roberta Marques do. **Voicigrafias**. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

MOLER, Lais Biasoli. **Quando “os olhos não veem” mas o coração sangra: uma análise das relações raciais pelos afetos e arte na arena do slam**. 2019. 114 pgs Tese de Doutorado em Psicologia Social) Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

Dissertações de mestrado

NASCIMENTO, Roberta Marques do. **A performance poética do ator-MC**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

Artigos

CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: **VV.AA. Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004.

D'ALVA, Roberta Estrela. O teatro hip-hop como linguagem. **Rebento - Revista de Artes do Espetáculo**. n. 5 – jun. 2015.

GALVANI, Giovana. **Políticas identitárias atuais ‘não mudam estrutura social’, diz autor**. Entrevista de Asad Haider à Carta-Capital. 31 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/politicas-identitarias-atuais-nao-mudam-estrutura-social-diz-autor/>. Acesso em: 18/11/19.

NEVES, C. A. B. Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.

SOUSA, Mariely Zambianco S. Das artes às tarefas de Clio: uma reflexão sobre o movimento slam. **Anais do XIV Encontro de História da Anpuh-MS**, Mato Grosso do Sul, 2018.

STELLA, Marcello Giovanni Pocai. A Batalha da Poesia... O slam da Guilhermina e os

campeonatos de poesia falada em São Paulo. **Ponto Urbe - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**. São Paulo, n. 17, 2015.

Curso

MARTIN BARBERO, Jesús. Curso. Mediações comunicativas da cultura. São Paulo: PUCSP, 9 a 11 maio de 2000.

Sites

COCCIA, Emanuelle. **Entrevista no Orto Botanico de Roma**. 2 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/P8EeaSN3hjw>>. Acesso em 12 de novembro de 2020.

Le slam national et la coupe du monde de poésie. Disponível em: <http://grandpoetryslam.com>. Acesso em: 1 de abril de 2019.

MEDEIROS, Rosana. **Slam das Minas: Uma rede de poesia e resistência**. Disponível em: <https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/slam-das-minas-uma-rede-de-poesia-e-resistencia/>. Acesso em: 1 de abril de 2019.

NASCIMENTO, Tatiana. "da palavra queerlombo ao cuíerlombo da palavra". **PALAVRA, PRETA! poesia di dendê**, 2018. Disponível em: <<https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

Slam BR – Campeonato Brasileiro de Poesia Falada. Site do Itaú Cultural. 2016. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/slam-br-campeonato-brasileiro-de-poesia-falada>. Acesso em: 23 de mar. 2019.

Gravações e entrevistas

Gravação da apresentação de Carú de Paula. Produzida por Carolina Vidal. Disponível em: <https://youtu.be/dN98SGIg7Rg>. Acesso em: 23/11/19.

Filmagem de Patrícia Meira na semi-final do Slam SP. 9/11/19 - Sesc 24 de Maio. Produzida por Carolina Vidal. Disponível em: https://youtu.be/ByurusyVu_c. Acesso em: 23/11/19.

Entrevista com Lika Rosa. Concedida por email para Carolina Vidal em 18 de novembro de 2019.

Entrevista com Lika Rosa. Gravação em vídeo por Carolina Vidal em 31 de março de 2021.

Entrevista com Mariana Felix. Gravação em vídeo por Carolina Vidal em 30 de julho de 2020.

Entrevista com Cristina Assunção. Gravação em vídeo por Carolina Vidal em 29 de março de 2021.

Entrevista com Patrícia Meira. Gravação em vídeo por Carolina Vidal em 18 de abril de 2020. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/folders/1wqFZslaitLYWGllKo3lbfeuCAJI5BLD3?usp=sharing>>. Acesso em: 14 de junho de 2020.

ANEXOS

FOTO DA FINAL DO SLAM DAS MINAS SP 2018



Fonte: Renata Armelin. **Fig 1: Final do Slam das Minas SP 2018 - Sesc Pq. D. Pedro - 06/10/18**

Poeta: Gabi de Brito.

MANIFESTA SLAM DAS MINAS!

Abra essa boca mulher!
Fala mesmo!
Tudo que nos foi privado será cobrado
Que todas as bocas falem!
Que todos os olhos voem!
Que todos os corpos libertem-se!
Que todas existam!
Que cada palavra pedra acerte o rio dos corações e o vidro da mente
Quebraremos estereótipos
Seremos livres!
Do que está por vir
Somos só a semente

Duas mulheres que constituem família são duas mães mulheres
Não as insultem perguntando quem é o pai
Não sexualize seus beijos, não as ofereça seu falo
Aviso: somos falas, temos falanges

Não nos hipersexualize pela cor que nascemos vestidas
Se nossas saias foram levantadas nas senzalas
Hoje nós levantamos o tom
E com peito e memória calejados, não nos calamos, não mais
Somos grito
São mulheres todas aquelas que acreditam que são.

Que de hoje e em todos os outros amanhã
Possamos andar sozinhas
De roupas curtas
Saias justas
Dar a buceta ou a bunda
Pra ele ou ela
Quando quisermos
Todo não, é não
E ponto

Que beco nunca mais rime
Com medo
Que apressar o passo
Não seja mais necessário
Sempre que vir um macho

Que casos como os de Eloá
Elisa, Priscilinha, Ana Carolina
Maria da Penha, Claudia
E Luciana
Sejam sempre lembrados
Mas nunca mais repetidos

Que nossos gritos sejam apenas
De luta, liberdade e gozo

E não duvide da nossa força
Andamos de mãos dadas em meio a tanta ordem imposta
Marinheiro de primeira viagem não sabe navegar
em nossas águas mornas
Pensa que reina mas cai fácil no canto da sereia
E quando seu mar não mais couber
Aceite e deixe fluir
Respeite e pare de oprimir
Agora nossa fala não tem freio
E viemos para mostrar
Que as manas tem palavra engatilhada pronta pra
disparar
Prepare sua alma
Do jeito que entrou aqui, não mais sairá
Força matriz feminina que consta
Somos o slam das minas, monas e monstras!

POEMAS NA ÍNTEGRA

Tawane Theodoro - Poesia Marginal⁴³



A poesia de nós sempre foi tirada
Ou melhor, mal era apresentada
E quando era sempre daquela forma eurocentrada
Não tinha como a gente se sentir representada
Era necessário
Muitas vezes até um dicionário pra gente entender
Não mostrava o nosso lado quebrada de viver

E ainda bem que conheci o outro lado da poesia
A deles é até legal mas vocês já pararam pra ouvir
A nossa poesia marginal?
De Luz Ribeiro à Jéssica Campos
De GTR á Gabriel Santos
Sé loco
Ai o jogo muda
E a casa grande surta

O opressor gela ao ver o oprimido se levantando
Nossas lutas viram combustível e nois sai recitando
Atirando poesia!
Falando da nossa realidade
Isso sim é sinônimo de felicidade
Porque a nossa essência
É pura resistência

⁴³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k6xnOCsUE4c>. Acesso em 10 de maio de 2020.

Sei que ainda sou muito nova mas já consigo compreender
Poesia não é só o escrito e sim uma forma de viver
E posso afirmar que a melhor poesia que tenho
É a simplicidade da minha avó no meu caminhar
Dona Cleide que mesmo sem muito entender
Acredita mais em mim mais do que eu jamais vou crer
Sempre me apoiando para que eu continue sempre sonhando
E isso sim vai me levantando
Através do apoio de família e amigos
Nois vai driblando todos os perigos

Nas minhas poesias busco sempre passar minha mensagem
E pode esperar que aqui é sem massagem
E tem que ser desse jeito
É tanta falta de respeito
É cada coisa que eu tenho que escutar
Vivem a nos humilhar
Meça seus privilégios parça, pra que vim me xingar?
Mas se você quiser assim a gente também sabe brincar
Vivem nos humilhando
Querendo que a gente retruque acariciando
Ai não dá pra aguentar
A anos nos silenciaram mas agora isso vai mudar

Agradeço aos saraus e aos slams que me formaram
E assim me prepararam para o mundo de uma melhor forma enfrentar
Sou cria da casa do Cursinho Popular Carolina de Jesus e o do SLAM das minas e não tinha melhores lugares pra começar
Agradeço por até hoje ajudarem no meu caminhar

E eu serei uma eterna aprendiz
E ficarei feliz em uma ideia trocar
Mas respeito pra ser respeitada e isso jamais vai mudar
A gente pode até conversar
Mas pra mesma coisa você não vim me falar
E o estresse a gente poupar
Bolsonaro jamais vai mitar!
Querem jogar aquele cara em qualquer discussão
Mas pra ele só pode ter uma explicação
Ele só pode ter nascido com a bunda na boca por isso bosteja tanta coisa sem noção
E não me chame de petista
De uma forma negativa por ter essa opinião!

E hoje
A cada palma batida
A cada sorriso dado
A cada lágrima escorrida
A cada pow! gritado

Sinto que não escolhi o caminho errado

Desculpa se não sou aquela princesinha que geral acha legal

Mas a culpa não foi minha e sim dela

Da poesia marginal!

Que me escolheu

Acolheu

E assim me surpreendeu

E me tornou tudo que eu queria

Através da poesia lhes apresento meu novo eu

A voz da periferia

Tawane Theodoro - O Peso das Palavras⁴⁴



Hoje em dia é fácil dizer
Que essa música é nossa raiz
Tá chovendo de gente
Que fala de samba e
não sabe o que diz

Por isso vê lá onde pisa
Respeite a camisa que a gente suou
Respeite quem pôde chegar
Onde a gente chegou

É que poesia marginal
é mais que texto com palavras bonitas
Pra gente rica fazer reflexão
Isso aqui é papo de salvação

Pra mim o verbo solto
Pra vocês que o verbo prenda
E pra qualquer um que duvidar da nossa competência
Que o verbo rasgue
Porque aqui é essência

Quero as crianças da viela me entendendo
E rico branco saia lá de cima abaixando a cabeça
Porque mesmo que ele não queira
Ele tá me entendendo

Eu não vim aqui despejar palavras bonitas de difícil entendimento
Eu quero as mana preta me olhando e falando
Por causa da sua poesia
a minha autoestima tá crescendo

⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dJa6q6DgLLg>. Acesso em 10 de maio, 2020.

E cês não tão entendendo
Sempre falam do topo pro topo
E a gente quer tirar os nossos de baixo
E crescê-los pouco a pouco
Pra eles isso é um absurdo!

Vi academicista falando
Que o que a gente fazia não era poesia
Duvidaram que a gente estava fazendo história
Mostrei os livros que têm poesia minha
E vocês estão nos estudando
Então respeita a nossa trajetória!

Mas falo isso com o maior cuidado
Kimani me passou a ideia, o papo foi dado
Quando os meus pés saírem do chão
E eu estiver voando só pelo meu ego
Me desce e me lembra do porquê eu to aqui

É isso parceira, faz o mesmo por mim
Porque se a gente tiver pensando só em fama
Nós logo vai cair
Quem tem o dom da palavra não é privilegiado
É escolhido. É papo de compromisso.
Temos que entender o sentido de tudo isso.

Cês só lembram que o Mike Smith criou o slam
Aí a Roberta Estrela D'Alva foi lá em Chicago
Conseguí trazer ele pra cá
Pra vocês meter o louco em discurso alheio
E se apropriar?

Nossa eu levei nota máxima, olha como eu tô arrasando?
Parabéns! Mas quantas dessas palavras você tá vivenciando?
Não adianta fazer um texto pesado
E nas palavras da vida tu não representa
É simples! Falou no mic? Sustenta!

Tenta entender pelo movimento
É sobre o menor tá te olhando e falando
Aí tia, como é que eu faço pra também tá rimando?
Trazer mais gente pro nosso lado
Que os menor não vá para o caminho errado
Por ter nos escutado, sacou?

Assino em baixo do que o Beká falou
Pois suas poucas palavras

Me obriga a ser duas vezes melhor nas minhas atitudes
Reforço: se as palavras são pesadas
A gente faz
a atitude ser dez vezes mais

E se isso tá te incomodando
Se acostume
Porque é só o começo do processo
Que nós tá iniciando
Se prepara pra sentir o peso
Das criança que nós tá influenciando

Porque se vocês ensina o ódio
Nós não vai ensinar a fazer carinho
Amor gera amor
E ser preconceituoso gera voadora
Não atrapalha o nosso caminho!

As palavras são pesadas
O futuro se eleve tranquilo
Like é o de mínimo
E hype, eu não to atrás disso
Porque são mais de 8 milhões de visualizações
E quem me salva diariamente cabe numa mão

Então firma esse pé no chão
No topo a gente vai chegar
Porque a quebrada produz e é de qualidade
Mas é importante estar junto da verdade
Quem aqui ficar posado vai ser cobrado
Você não aceita baba-ovo, caralho!

Isso aqui é espaço de cura!

Pros nossos oferecer cultura
Vocês desenvolvam a escuta
Cheguem pra somar
Caso contrário, a porta da rua é serventia da casa
Cês nem tinha que entrar

Atire-a⁴⁵

Kika Sena

Me atacaram pelas costas
Tacaram pedra ni mim
Tacaram pedra na minha cabeça
Tacaram pedra na minha cara
Tacaram pedra na minha boca
Tacaram pedra no meu sorriso

Depois me seguraram
Me amarraram
tacaram fogo nim mim
tacaram fogo no meu cabelo
tacaram fogo na minha pele
tacaram fogo nos meus olhos
tacaram fogo na minha res pi ra ção
tacaram fogo na minha voz

logo
não puderam me conter
poluí seus ares com meu grito
Aaaaaaaaaa

queimei suas casas caras brancas
com meu choro
Aaaaaaaaaa

tingi tudo de preto
sou tição pós-apocalíptico
brasa forte

não mexe
não mexe
não mexe
não mexe comigo não...

que à dor
à dor
à dor
à dor
eu sei reagir.

⁴⁵ SENA, Kika. Performance do poema Atirea, de Kika Sena para a Batalha Nacional de Poesia Slam BNDES da FLUPP ocorrida em 12 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G5ioLGI2YCo>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

